



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS

ÉRICO ALEXANDRE DE SOUZA

SELEÇÃO DO REPERTÓRIO DE COROS JUVENIS: uma pesquisa com regentes de
coros escolares da cidade do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS

ÉRICO ALEXANDRE DE SOUZA

SELEÇÃO DO REPERTÓRIO DE COROS JUVENIS: uma pesquisa com regentes de coros escolares da cidade do Rio de Janeiro

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Instituto Villa-Lobos, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Professora Dr^a Silvia Garcia Sobreira

Rio de Janeiro
2024

*Dedicado ao colega e à colega que, assim como eu, busca iniciar seu coro,
proporcionando a melhor experiência para seus coralistas.*

S729 Souza, Érico Alexandre de
Seleção do repertório de coros juvenis: uma pesquisa com regentes de coros escolares da cidade do Rio de Janeiro / Érico Alexandre de Souza. -- Rio de Janeiro, 2024.
55 f.

Orientadora: Silvia Garcia Sobreira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação em Música - Licenciatura, 2024.

1. Repertório coral. 2. Coro juvenil. 3. Coro escolar.
I. Sobreira, Silvia Garcia, orient. II. Título.



SELEÇÃO DO REPERTÓRIO DE COROS JUVENIS: uma pesquisa com regentes de coros escolares da cidade do Rio de Janeiro

ÉRICO ALEXANDRE DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Instituto Villa-Lobos, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau Licenciado em Música.

Aprovado em: 03/09/2024

Nota: 10,0

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br SILVIA GARCIA SOBREIRA
Data: 19/09/2024 18:41:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dr^ª. Silvia Garcia Sobreira

Documento assinado digitalmente
gov.br JULIO CESAR MORETZSOHN ROCHA
Data: 20/09/2024 13:21:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Julio Cesar Moretzsohn Rocha

Prof. Dr. Carlos Alberto Figueiredo Pinto

AGRADECIMENTOS

À professora Silvia Sobreira, pela orientação e ajuda na pesquisa, e à professora Adriana Miana, pelo auxílio na montagem do projeto de pesquisa.

Aos professores Julio Moretzsohn e Carlos Alberto Figueiredo, admirados regentes que aceitaram compor a banca.

Aos professores do Instituto Villa-Lobos, Escola de Música Villa-Lobos e Colégio Pedro II, pela minha formação como musicista, estudante e cidadão.

A Julio Moretzsohn, Denize Vieira, Ana Madalena Nery, Kátia Baloussier e Pablo Panaro, mentores do Coro de Crianças da Orquestra Sinfônica Brasileira, que me iniciaram ao mundo coral e proporcionaram anos de muita alegria, diversão, educação e aventuras à minha infância e adolescência

A Deus e ao meu anjo da guarda, que ampara e me inspira a buscar o meu melhor todo dia.

À minha família, pela parceria de todos os momentos, pela educação que recebi e por todo amor envolvido.

Às amigas que criei nos coros que participei. A maior alegria que tenho até hoje é a de ir para o ensaio para reencontrá-los e fazer música junto de vocês.

SOUZA, Érico Alexandre. **Seleção do repertório de coros juvenis**: uma pesquisa com regentes de coros escolares da cidade do Rio de Janeiro. 55 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música). Instituto Villa-Lobos, UNIRIO, 2024.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo principal compreender como é feita a seleção do repertório de coros juvenis por três regentes que atuam em coros escolares. Para atingir esse objetivo, foi feita a revisão bibliográfica para levantar quais questões permeiam o repertório coral e quais as especificidades do repertório de um coro juvenil. A partir disso, foi elaborado um roteiro para entrevistar os regentes, tendo as entrevistas sido feitas de modo semiestruturado. Foi possível concluir que os principais critérios adotados pelos regentes são a extensão da melodia, o texto e a temática das canções e a participação dos coralistas. Além disso, a busca por um vínculo entre os coralistas e o coro foi considerado pelos três como um elemento essencial na realização da atividade coral no contexto escolar.

Palavras-chave: repertório coral, coro juvenil, coral escolar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
Problema e objetivos do estudo	11
Justificativa	11
Procedimentos metodológicos	12
2 REPERTÓRIO	13
2.1 O que é repertório?	13
2.2 Participação dos coralistas na seleção do repertório	15
2.3 Cânone coral	19
2.4 Pesquisa de repertório	22
2.5 Confeção do próprio repertório e produção de arranjos	23
3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	25
3.1 Metodologia	25
3.2 Informações gerais sobre os regentes e seus respectivos coros	25
3.3 Extensão vocal e melodia	27
3.4 Texto e temática	29
3.5 Textos em línguas estrangeiras	32
3.6 Participação dos coralistas na seleção — e a busca e um vínculo entre eles e o coral	34
3.7 Outros critérios para a seleção	39
3.8 Arranjo, adaptação e busca de repertório	41
3.9 Influências exteriores ao coro	43
3.10 Momento da escolha e renovação do repertório	45
3.11 Especificidades de um coro juvenil	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A	52

1 INTRODUÇÃO

O canto coral fez parte da minha vida desde 2010, quando entrei no Coro de Crianças da Orquestra Sinfônica Brasileira (CCOSB), até os dias atuais. Passei pelo Coral do Campus Engenho Novo II do Colégio Pedro II (CPII), durante o ensino médio. Depois, entrei para o Coro Juvenil UNIRIO (coro do qual faço parte até o presente momento) e fui assistente de regência do Coro Juvenil do Rio de Janeiro, projeto do Instituto Brasileiro de Música e Educação (IBME). O canto coral foi meu espaço de musicalização e de socialização durante a minha adolescência; foi o lugar de criação de amigos e memórias; foi a minha porta de entrada para entrar no meio musical; foi o meu “primeiro instrumento”, antes mesmo do violão (que comecei a aprender em 2011).

No meu percurso entre corais, pude observar e participar de coros juvenis em contextos e propostas diversas, em vários momentos da minha vida e com diferentes regentes à frente dos coros. Com o desejo de elaborar um trabalho coral próprio voltado para o público juvenil¹ e dentro do espaço de escolas que comportem o ensino médio e o ensino fundamental II, resolvi pesquisar um tema central para todos os corais: o repertório, “ou seja, o conjunto de obras que um determinado coro executa”, como o regente Carlos Alberto Figueiredo (Figueiredo, 2006, p. 25) descreve. De acordo com ele, o repertório é “o elo principal entre todos os agentes que participam da atividade coral – coralistas, regente, público – e o fio condutor das atividades desenvolvidas pelo conjunto – ensaios, apresentações, etc” (*Ibidem*, p. 25).

Elza Lakschevitz (2006, p. 49), por sua vez, explica que o mais importante do repertório não é o seu valor estético, mas o “contato com uma porção de coisas diferentes, desde elementos musicais até questões sociais, educativas, culturais”. A regente, que trabalhou por muito tempo em coros infantis, destaca ainda que o repertório precisa ser prazeroso para quem canta, para o regente e para a plateia. Ainda que o trabalho de Elza fosse voltado para o público infantil, considero que suas ideias também se aplicam ao público juvenil, que também se encontra em um momento de desenvolvimento.

Na minha experiência, pude cantar repertórios variados, de obras de música de concerto aclamadas (como a 9ª Sinfonia de Beethoven) a músicas *pop* internacional

¹ Acompanharei o critério utilizado por Patricia Costa (2009) em relação à definição do termo “juvenil”, “estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que considera adolescência o período entre 10 e 20 anos de idade, subdividido em dois grupos: (a) pré-adolescência, de dez a 12 anos; (b) adolescência, de 12 a 20 anos” (Oliveira *apud* Costa, 2009, p. 11).

(como “Lay All Your Love on Me”, do grupo ABBA), passando por músicas sacras (como a Missa Spaur KV 258, de Mozart) e sambas (como “Seja Breve”, de Noel Rosa). Contudo, os critérios para a escolha desse repertório — e mesmo os agentes dessa decisão — variavam em relação a cada coro, sem que para mim estivessem claros os objetivos e as motivações para tais escolhas.

Figueiredo sugere seis motivações que levariam um regente a incluir uma música no repertório (2006, p. 25):

- 1) o mero prazer estético que lhe desperta a música ou a canção a partir da qual foi feito um arranjo;
- 2) a qualidade do texto literário ou religiosos a partir do qual a obra foi composta. Aqui cabe um desdobramento que inclui o tipo de mensagem que tal texto pode trazer ao regente, como, por exemplo, uma mensagem religiosa ou de cunho político;
- 3) a percepção de que a realização de tal obra poderá ser um fator de crescimento para si, como regente, ou para o coro;
- 4) a necessidade sutil de encaixar uma peça com determinadas características dentro de um programa mais amplo;
- 5) a ideia de que a execução de tal obra trará prestígio a ele ou ao coro, ou impacto no meio musical;
- 6) o desejo de prestigiar um compositor ou arranjador do próprio grupo, ou ligado ao grupo de certa maneira. Pode ser, ainda, pela nacionalidade ou naturalidade do compositor.

Por outro lado, somada a essas possibilidades, há um elemento a mais a ser considerado. De acordo com Costa (2009, p.4), há dificuldade na manutenção da atividade coral. Na experiência da regente, foi possível notar uma significativa evasão por parte dos coralistas quando estes entravam no período da adolescência. Ela chega à seguinte conclusão:

No Brasil — e mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro — assistimos à tentativa de manutenção da atividade, apesar da escassez de renovação de material (seja ele musical ou pedagógico, seja mesmo humano) e da falta de uma busca estética condizente com os anseios de expressão do jovem de nossa sociedade. (Costa, 2009, p. 4).

Um dos motivos para a evasão observada por Costa pode ser justamente a escolha do repertório. Como é sustentado por Fernandes, “o cantor precisa de alguma

forma reconhecer-se no repertório que realiza” (Fernandes *apud* Costa, 2009, p. 4). Logo, se o jovem do ensino médio ou do fundamental não encontra no repertório um material musical que reflita seus gostos, interesses, sua vida ou as mudanças nela, o canto coral, em tese, não seria atrativo para o público juvenil. Além da questão da identificação, soma-se também um preconceito que Costa identificou em sua prática, que se daria “pelo fato de que o modelo da atividade tradicional nos remete ao canto orfeônico, à religiosidade da música sacra ou natalina, ou ao civismo dos hinos patrióticos” (Costa, 2009, p. 12).

No entanto, a partir da minha experiência diversa com diferentes coros juvenis, me parece que os corais juvenis não deixam de existir. Pelo contrário, as atividades corais resistem e parecem ser uma escolha comum para práticas em conjunto em colégios que recebem estudantes do Ensino Médio e Ensino Fundamental, uma escolha fortuita, considerando os benefícios que o canto coral pode proporcionar. Como a regente Patricia Costa afirma em sua dissertação:

No decorrer de minha experiência prática, observei muitos dos efeitos positivos do canto em grupo em cantores adolescentes e jovens, por tal atividade dar conta de uma série de necessidades inerente a essa faixa etária, colaborando com a ampliação de sua visão de mundo, exercitando sua atuação em nossa sociedade com princípios de solidariedade, confiança, companheirismo e harmonia em grupo, oferecendo um veículo de expressão de suas descobertas, conflitos e anseios, além de ser um importante instrumento de musicalização. (Costa, 2009, p. 1).

Os benefícios do canto coral também são apontados pelo regente Carlos Alberto Figueiredo, que também sugere o valor do trabalho em equipe e a contribuição dele na formação de indivíduos “para uma convivência positiva em sociedade”. Além disso, “a atividade coral desenvolve tanto o lado físico quanto psicológico de um cantor. Desde o simples ato de respirar de maneira disciplinada até o ‘se expor’, cantando, traz benefícios permanentes para um coralista” (Figueiredo, 2001, p. 9).

Essa pesquisa tem como principal referencial teórico a dissertação da regente Patricia Costa² (Costa, 2009), uma das principais pesquisadoras sobre coro juvenil no Brasil. Costa defende a importância do repertório, definindo a adequação deste como um

² Patricia Costa é regente coral, arranjadora vocal, diretora de coral e cênica coral e professora de música. Foi a criadora do programa coral no Colégio São Vicente de Paulo (escola regular do Rio de Janeiro) e regeu o coro São Vicente a Cappella de 1999 a 2022, coro juvenil que se tornou referência nacional. Sua pesquisa de doutorado tem como tema as características do repertório para coro juvenil.

dos fatores de “sucesso” de um grupo coral. No entanto, a autora traz algumas questões que cabem ser pensadas pelos regentes:

Toda essa discussão traz uma pergunta: afinal, quem define o repertório? É possível a imposição das músicas a serem cantadas? Em que grau deve estar a consonância entre as propostas do regente, do grupo e da instituição? Essas questões tornam-se muito importante para que o repertório escolhido contemple as diversas demandas do coro juvenil, ora em pauta. Em busca de um repertório para seu coro, o regente deve considerar os aspectos técnicos que possam auxiliá-lo. (Costa, 2009, p. 75).

Os questionamentos apresentados na citação anterior me levaram a construir meu problema de pesquisa, apresentado a seguir.

PROBLEMA E OBJETIVOS DO ESTUDO

Considerando a importância do repertório na construção de um trabalho coral e de sua relevância quando esse trabalho é construído com um público juvenil e considerando os múltiplos critérios que podem ser adotados para a seleção do conjunto de obras a ser executado, esta pesquisa busca responder a seguinte questão: **Como é feita a seleção do repertório de coros juvenis por regentes que atuam em coros escolares?**

Para atingir esse objetivo, procurei identificar o processo de seleção e construção do repertório dos coros juvenis de três regentes que atuam em espaços escolares na cidade do Rio de Janeiro, levantar os critérios que determinam a seleção do repertório e relacionar a forma como a seleção do repertório é feita com os objetivos e a estrutura do coro.

JUSTIFICATIVA

No dia 27 de fevereiro de 2023, procurei no site www.amplificar.mus.br as seguintes palavras-chaves: “coral”, “coro”, “canto coral”, “coro infantojuvenil”, “coro infanto-juvenil” e “repertório”. Pelos resultados encontrados, foi possível averiguar que, para um tema tão relevante quanto o repertório coral de coros juvenis, poucas pesquisas tratam propriamente o assunto.

Os textos encontrados serão analisados no capítulo 2, mas posso adiantar que a maioria dos autores lidos advoga pela participação dos cantores na escolha do repertório (Almeida, 2019; Costa, 2009; Miguel *et al*, 2020), embora essa opinião não seja

consensual (Lakschevitz, 2006). No entanto, a importância de uma seleção de repertório que proporcione novas experiências ao grupo e que seja adaptada a ele são pontos convergentes nos trabalhos encontrados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos desta pesquisa, além da revisão da literatura sobre as escolhas de repertório para coros juvenis, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (roteiro nos Apêndices) com três regentes para que estes pudessem explicitar as escolhas feitas quanto ao repertório e os principais desafios encontrados.

Arregimentação dos participantes

Os regentes que participam desta pesquisa foram três regentes de coros escolares, cujos nomes serão preservados para manter seu anonimato. Eles foram escolhidos em função da disponibilidade de participar do estudo. A prioridade foi entrevistar regentes que trabalhassem em escolas diferentes, visando abarcar contextos diferentes entre si.

Além desta Introdução, esta pesquisa está dividida da seguinte maneira: no Capítulo 2, apresento o conceito de repertório a partir da ótica dos autores estudados, procurando detalhar o que pensam e as principais convergências e discordâncias sobre a seleção do repertório. No Capítulo 3, analiso as entrevistas realizadas com os regentes selecionados, dialogando com o que foi levantado no Capítulo 2. No Capítulo 4, apresento minhas considerações finais.

2 REPERTÓRIO

Neste capítulo, apresento o conceito de repertório a partir da ótica dos autores estudados para esta pesquisa. Além disso, procuro detalhar o que pensam e as principais convergências e discordâncias sobre a seleção do repertório.

2.1 O que é repertório?

Como apresentado na Introdução, o regente Carlos Alberto Figueiredo³ pensa o repertório como “o conjunto de obras que um determinado coro executa” e o descreve como “o elo principal entre todos os agentes que participam da atividade coral — coralistas, regente, público — e o fio condutor das atividades desenvolvidas pelo conjunto” (Figueiredo, 2006, p. 25).

Fábio Miguel (Miguel *et al*, 2020, p. 22) com outros colegas em artigo para a Revista *Vórtex*, aderem a esse entendimento e ressaltam a importância do repertório enquanto núcleo da atividade coral, pelo qual os coralistas vivenciam música e aprendem a respeito dela. Destacam também que é o repertório que evidencia o que o grupo é capaz de construir coletivamente, sob a orientação do regente, para apresentar ao público.

Patricia Costa (Costa, 2017, p. 51) ressalta que é comum atividades musicais se apoiarem em compilações de obras para organizar, planejar e traçar metas dentro dos objetivos idealizados (sejam estes pedagógicos, artísticos ou ambos). Nesse sentido, o canto coral “costuma se apoiar em objetivos (técnicos, educacionais, recreacionais, sociais, culturais) para justificar os encontros dos envolvidos com a atividade” (Costa, 2017, p. 51). Assim, a autora identifica no repertório um recurso com função aglutinadora e regularizadora da atividade musical.

Outra característica apresentada pela autora (Costa, 2017, p. 54) é a de uma espécie de “cartão de visita” do grupo. De acordo com os autores analisados por Costa, o repertório exhibe o estilo do coro e a forma de interpretar as obras selecionadas e é a partir dele que toda a construção da organização e apresentação de um trabalho é feita.

³ Carlos Alberto Figueiredo é professor aposentado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde ministrou disciplinas de Canto Coral e Regência Coral. Sua pesquisa é voltada para estudos sobre o repertório sacro colonial brasileiro. Foi criador e regente do Coro de Câmara da Pro-Arte e é referência em regência coral no Rio de Janeiro, que atuou ativamente por 40 anos no cenário musical carioca (de 1976 a 2019). O maestro foi professor de muitos nomes que atuam no canto coral no Rio de Janeiro, como as regentes mencionadas neste estudo, Patricia Costa e Juliana Chrispim Lima. O regente Julio Moretzsohn também foi seu aluno, bem como o autor desta pesquisa. Atualmente se dedica a dar aulas de Regência Coral na Associação de Canto Coral.

Costa (2017, p. 55) insere a discussão sobre a relação entre educação musical e repertório, defendendo uma escolha de repertório cuidadosa por parte do educador musical, pois:

[...] essa seleção de repertório influencia diretamente na prática pedagógica musical, definindo conteúdos, procedimentos e orientando as formas de interação humana que acontecem na educação musical em questão. (BUENO *apud* Costa, 2017, p. 55).

Juliana Chrispim Lima⁴ contribui com a discussão retratando o repertório como “campo fértil a partir do qual o processo de ensino-aprendizagem musical ocorrerá” (Lima, 2009, p. 25). Ela ressalta ainda:

De acordo com a proposta de educação elaborada por Keith Swanwick (2003), ensinar música musicalmente, no coro, seria construir o repertório consciente de que ele cumpre determinadas funções durante ensaios e apresentações, priorizando a abordagem de certos conteúdos e temas não de forma isolada, mas inserida na produção artística de uma sociedade historicamente configurada. (Lima, 2009, p. 25-26).

Assim, utilizando-se de Keith Swanwick, Lima (2009, P. 25-26) defende que, no desenvolvimento de um trabalho coral, é necessário construir o repertório atento aos conteúdos e temas das obras a serem trabalhadas, considerando a inserção delas no contexto social, histórico e artístico dos coralistas. A meu ver, essa postura se faz ainda mais importante em coros juvenis. Como Lima (2009, p. 33) defende posteriormente, sua pesquisa com o coro infanto-juvenil *Os Curumins* demonstrou que, quando os conhecimentos precedentes à entrada ao coro foram respeitados através da incorporação das referências dos coralistas no trabalho musical, a escolha de repertório tornou-se um dos principais fatores de motivação para a prática coral.

Esse método não apenas evita a evasão de jovens sinalizada anteriormente por Costa (2009, p. 4), mas dialoga com outros autores na importância educacional que o repertório proporciona. Fernandes (*apud* Costa, 2009, p. 5) sustenta que o “o cantor precisa de alguma forma reconhecer-se no repertório que realiza” e Costa complementa que a inadequação deste repertório pode contribuir para o afastamento do jovem do canto coral. Teixeira (*apud* Lima, 2009, p. 27) ressalta que “tornar as práticas músico-vocais de crianças, adolescentes e adultos mais significativas e envolventes pode requerer dos regentes um olhar mais cuidadoso para a questão das músicas veiculadas pelas mídias,

⁴ Juliana Chrispim Lima é professora de música do Colégio Pedro II, ministrando aulas desde 2011 até data atual. Foi regente do coro infantil “Os Curumins” e tem pesquisado sobre educação musical no Colégio Pedro II, abordando o currículo escolar e a história do colégio.

independentemente do gênero ou de seu gosto musical”, o que nos leva a outra discussão sobre o repertório.

2.2 Participação dos coralistas na seleção do repertório

Como exposto na Introdução, pude participar de diferentes corais em diversos momentos da minha vida. Nesses coros, na maioria das vezes, a escolha de repertório era feita apenas pelos regentes, sem a participação dos coralistas. Havia apenas, informalmente, uma consulta ao grupo em relação ao gosto e ao envolvimento em relação ao repertório — em conversas ou mesmo em comentários espontâneos, era possível escutar a opinião do grupo, se os coralistas gostavam da peça ensaiada, se achavam fácil ou difícil, se estavam cansados de cantá-la, se sentiam falta de alguma obra que o coro cantava antes e havia parado, entre outras observações. O que mais me chamava a atenção, no entanto, era que, ainda que não houvesse de fato uma consulta formal, os regentes sempre prestaram a atenção nesse retorno e o tinham em consideração, a ponto de deliberadamente alterar o repertório por conta da reação do grupo em relação a uma ou outra peça.

A exclusividade da seleção e manutenção do repertório por parte do regente é defendida por Elza Lakschevitz⁵ (2006, p. 51). Para a regente, a escolha do repertório é parte da responsabilidade do regente, que deve se atentar a critérios como o interesse do texto, que deve ser inteligente e articulado; a tessitura; a textura, dentre outros. A veiculação da música por parte da mídia não é para ela um critério a ser avaliado — o que não quer dizer que seja um impedimento para que a música seja incorporada ao repertório. A questão da seleção, para a regente, parece ser a avaliação de um repertório que seja adequado ao coro e que desperte o interesse dos cantores (Lakschevitz, 2006, p. 50).

É necessário considerar que Elza Lakschevitz era regente de um coro de crianças, um recorte diferente do que busco nessa monografia. No entanto, seu destaque para a

⁵ Elza Lakschevitz (1933-2017) foi maestrina e educadora musical de grande experiência e relevância por seu trabalho com corais infantis. Regeu o “Coro Infantil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro”, o coro “Os Curumins”, da Associação de Canto Coral e o coro “Canto Em Canto”. Elza também dirigiu o “Projeto Villa-Lobos” e foi Coordenadora de Coros do Instituto Nacional de Música da FUNARTE, formando diversos regentes de coro pelo país. Assim como Carlos Alberto Figueiredo, Elza Lakschevitz também foi responsável por uma série de regentes ainda atuante e que, por sua vez, formam novos regentes, como seu próprio filho Eduardo Lakschevitz e a regente Maria José Chevitaress, professora da Escola de Música da UFRJ.

responsabilidade do regente na escolha do repertório vai ao encontro de Costa, quando esta declara que:

Cabe ao regente coral o discernimento para avaliar quando e como adotar uma postura investigativa quanto ao repertório, ao mesmo tempo em que amplia o universo musical dos adolescentes, oferecendo-lhes peças que não são de seu prévio conhecimento. (Costa, 2009, p. 72).

Essa responsabilidade é reforçada pela autora em sua tese (Costa, 2017, p. 54-55), ao alegar que a maioria dos corais é composta por pessoas com pouca experiência musical. O regente se configuraria, então, como uma das únicas fontes de crescimento musical que os cantores teriam acesso, sendo ele um dos maiores responsáveis por qualquer formação musical pretendida. Correia também compartilha desse entendimento e defende que, “uma vez que os cantores não têm conhecimento de repertório suficiente para trazer sugestões” (Correia, 2023, p. 47), cabe ao regente escolher o repertório adequado a seu grupo. Essa responsabilidade se mostra ainda mais importante no contexto de um coro escolar, em que o caráter pedagógico da atividade coral é ainda mais realçado.

Com o que foi exposto, portanto, entendo que, para Lakschevitz, Costa e Correia, a centralização da escolha do repertório no regente é uma decisão de caráter pedagógico que enxerga no repertório a construção de um trabalho cuja responsabilidade recai na pessoa que possui o preparo para avaliar que obras atenderão os objetivos do grupo. De maneira geral, essa pessoa será o regente.

Contudo, outros autores defendem a participação explícita dos coralistas na seleção do repertório. Matheus de Almeida (2016), em artigo para a Revista *Música Hodie*, apresenta sua experiência no coro *Nossa Voz de Flórida-Pr*. Em sua pesquisa, o autor identifica diversos pontos positivos com a inserção de repertório buscado a partir da escolha dos coralistas. Almeida (2016, p. 31-32) relata que a participação fez com que os cantores se sentissem valorizados e, conseqüentemente, motivados a não se atrasarem, não faltarem a ensaios e, principalmente, a desejarem apresentar as peças que faziam parte de suas vivências. Além disso, ressalta que a comunidade — no caso, a plateia — passou a se identificar com o repertório e a estar mais presente nas apresentações, o que foi observado pelos próprios coralistas como elemento motivador para a atividade coral. Mesmo Correia (Correia, 2023, p. 47-48), faz a ressalva de que, quando seus coralistas escutam peças cantadas por outros grupos e pedem a ela para realizá-la e a peça está dentro da possibilidade de execução do grupo, ela procura atender à sugestão.

Brinson e Demorest (*apud* Miguel *et al*, 2020, p. 15) também destacam o aspecto motivacional no envolvimento de coralistas no processo de seleção musical e ressaltam o engajamento de coralistas/alunos no aprendizado musical. Os autores chegam a descrever uma maneira de envolvê-los, explicando que:

[...] uma forma de fazer isso é escolher várias seleções de músicas de qualidade adequadas para o coral. Depois de cantar cada peça ou ouvir gravações, os alunos poderão votar em qual das peças gostariam de aprender e executar. Segundo os autores, desta maneira, os alunos entenderão que têm parte na escolha da música. (Miguel *et al*, 2020, p. 15-16).

Brinson e Demorest (*apud* Miguel *et al*, 2020, p. 16) consideram, também, que quando os regentes estabelecem uma conversa com os coralistas sobre a seleção e os motivos do porquê preferirem uma peça a outra, ou seja, quando conversam com os alunos sobre seus critérios de seleção, podem proporcionar uma oportunidade de aprendizado acerca da avaliação da música e da performance musical. Os autores propõem ainda que os alunos tenham acesso à “biblioteca coral”, ou seja, aos acervos de músicas corais acessíveis, incentivando os coralistas a se envolverem ainda mais ativamente na escolha do repertório e até mesmo a pensarem em um repertório apropriado para pequenos grupos que os alunos poderiam formar por conta própria. No entanto, essa proposta deve ser avaliada cuidadosamente, pois a existência de uma “biblioteca coral” pode ser parte da realidade dos autores, que são dos Estados Unidos, mas na realidade brasileira, não há esse tipo de biblioteca e poucos coralistas têm autonomia para analisar uma partitura.

Durante meu período no Coral do Campus Engenho Novo II do Colégio Pedro II, fui bolsista do projeto *Vozes do Engenho e o protagonismo juvenil: a prática coral como espaço de construção da identidade*, sob a orientação da prof. Anna Cristina Cardozo. Identifico no projeto desenvolvido algumas das ideias defendidas por Brinson e Demorest: enquanto bolsista, tive a oportunidade de, junto de meus colegas, propor às professoras regentes responsáveis pelo coro que consultássemos o grupo quanto às músicas que os alunos coralistas gostariam de cantar, voluntariando-me para elaborar o arranjo para o coro. Essa proposta foi feita por conta da dificuldade de atrair coralistas novos e de manutenção deles, que faltavam frequentemente aos ensaios — o que foi interpretado por nós bolsistas como falta de motivação para continuar ou se juntar ao coro. Além disso, o grupo iria fazer a abertura do festival de música do colégio e desejávamos apresentar uma música nova, para além dos arranjos que já havíamos apresentado em outras ocasiões.

Tendo recebido a autorização das professoras, organizamos a consulta ao grupo de maneira similar à que Brinson e Emoret propõem: criamos uma *playlist* colaborativa⁶ no *Spotify* e uma no *YouTube* (a primeira por ser a plataforma digital de *streaming* de música mais usada entre os alunos e a segunda por ser uma plataforma gratuita) e pedimos para que os coralistas adicionassem às *playlists* músicas que gostariam de cantar com o coro — chamando a atenção para as possibilidades que tínhamos naquele momento, com um grupo de aproximadamente 20 coralistas (num total em que a maioria estava tendo a primeira experiência de cantar em coro). Após uma semana, separamos uma parte do ensaio do coro para conversar com o grupo para escutarmos juntos trechos das músicas das *playlists* e votarmos qual música cantaríamos no festival. Esse momento foi importante também para entender as expectativas dos coralistas em relação ao coro.

Nessa experiência, pude observar que, como Costa (2009, p. 71) mostra, optar por peças que agradavam aquela geração facilitou a adesão dos coralistas à atividade coral. Como Lima (2009, p. 33) constata, a identificação dos alunos com a música, seja por meio da letra, do gênero ou do conjunto ou artista que interpreta a canção, é um elemento importante no processo de construção musical e, por isso, deve ser levado em consideração. Torres vai mais além e afirma que

[...] as crianças e jovens demonstram grande interesse, disposição e envolvimento para com a atividade e, principalmente, para sugerir e opinar em relação ao repertório. O repertório nem sempre foi vivenciado por todos os participantes e pertinente a suas realidades, mas o fato de poderem e quererem experimentar, expor ideias, exercitar lideranças, aprender a ceder, acrescentar e criticar, permite às crianças e jovens construir uma prática que acreditam ser sua verdade, para um contexto que tem sua história. (Torres et al *in* Costa, 2009, p. 75).

Em 2014, quando cantava no Coro de Criança da OSB, passei por uma situação que reforça a fala de Torres. Na época, ainda na adolescência, conversei com o regente e a regente assistente e expus minha vontade em criar um arranjo de uma música que havia acabado de conhecer, uma canção *soul* chamada “Fantasy”, do conjunto Earth, Wind & Fire — um desejo que partiu de mim. Os dois apoiaram minha decisão e se dispuseram a me ajudar no que precisasse, enquanto o pianista que acompanhava o grupo, que também era arranjador, analisou meu arranjo e me ajudou apontando diversos pontos em que ele podia melhorar. Não exagero em dizer que foi um momento marcante na minha trajetória, que

⁶ *Playlist* colaborativa é uma *playlist* em que qualquer um com o *link* pode editar, incluir ou excluir músicas.

contribuiu para minha decisão de me tornar musicista, abriu um novo mundo criativo para mim e ainda ajudou na minha autoestima.

Eduardo Lakschevitz (*in* Costa, 2017, p. 68), referindo-se a corais adultos de empresa, também denota a importância desta aproximação do repertório, principalmente quando relativo ao coralista iniciante na atividade coral. Para o autor, ao escolher canções que os coralistas conheciam previamente, a atividade coral se aproximaria do contexto deles, o que proporcionaria uma base a partir da qual seriam traçadas as linhas diretivas do trabalho do regente — linhas que embasariam a opção dos elementos musicais a serem trabalhados.

Dessa forma, entendo que proporcionar aos coralistas dos coros juvenis a oportunidade de participar da seleção do repertório é também uma questão de motivação à prática coral e de incentivo ao protagonismo juvenil, permitindo que os cantores sejam responsáveis e definidores de seu próprio trajeto. Além disso, a familiaridade com o repertório pode auxiliar o regente no encaminhamento de seus objetivos.

Por fim, é importante esclarecer que ter a participação dos coralistas na seleção do repertório não quer dizer delegar a responsabilidade da escolha para o grupo. Isso seria tornar o regente de coro juvenil passivo e obediente às vontades do grupo, o que não é a intenção, “posto que é esperado desse líder o domínio técnico para melhor discernir sobre as possibilidades de seu coro” (Costa, 2009, p. 71). Nesse sentido, estou de acordo com Elza Lakschevitz, quanto à responsabilidade e autonomia do regente. O que se propõe, como Almeida (2016, p. 29) explica, “é uma cooperação entre ambas as partes — regente e coralistas — para que dessa forma possa haver uma maior cumplicidade entre os membros participantes desse grupo”, sendo essa cumplicidade um dos elementos fundadores da identidade de um grupo. É uma oportunidade e um convite ao coro para “expressar seu gosto musical, suas intenções e desejos na atividade coral, assumindo este grupo, então, o papel de agente da seleção” (Costa, 2017, p. 57).

2.3 Cânone coral

Diversas vezes, na minha trajetória coral, encontrei diferentes coros cantando a mesma peça (obra autoral ou arranjo) e já propus a um coro que participei que o grupo cantasse um arranjo que conheci assistindo ou cantando com outro coro. Muitas dessas peças e desses arranjos são considerados tradicionais no repertório coral e é possível encontrá-los sendo feitos em gravações com distintos coros e em épocas diferentes.

Inicialmente, a prática de trazer obras de outros grupos para o coro que o regente esteja trabalhando não me parece nociva. No entanto, Lima (2009, p. 27) aponta para o desgaste que pode ser causado pela repetição dessas obras tradicionais, reconhecidas como importantes, úteis ou mesmo funcionais. Essa repetição poderia ser explicada pela escolha da opção que já teria sua eficácia comprovada, mas mesmo esta é questionada por Costa.

Em sua tese, tratando especificamente sobre o repertório coral tradicional, a autora alega que os regentes de coros juvenis podem encontrar nas obras fonte de dificuldades, pela inequação tanto da temática e abordagem dos assuntos nos textos das obras para o público jovem quanto em relação às demandas vocais específicas da adolescência (Costa, 2017, p. 61).

Em relação ao primeiro ponto, Costa explica que a percepção sobre o repertório coral tradicional pode influir na capacidade de atração para a atividade coral. De acordo com a autora:

Se entendermos que a música coral está comumente associada à música erudita ou sacra, conforme a pesquisa mencionada, não surpreende o fato de ela afastar o adolescente de sua apreciação ou execução. Não combinam com a rebeldia e desejo de renovação do adolescente adjetivos tais como conservador, “careta”, tradicionalista, pouco atraente ou nada atlético! (Costa, 2009, p. 32).

Em relação ao segundo ponto, não abordarei de forma aprofundada as características específicas da voz durante a muda vocal na adolescência por não caber no escopo dessa monografia. Assim, me limitarei a descrever a relevância desse assunto para o tema da seleção de repertório no Capítulo 3. Contudo, para ilustrar como o repertório tradicional descrito por Costa (sacro, erudito) pode apresentar dificuldades na realização por um coro juvenil, recorro à própria autora, quando esta chama atenção para a modernidade do conceito de adolescência, e

No intuito de eliminar quaisquer dúvidas em relação à produção específica para adolescentes na Música Antiga indo até o período Romântico, foi feita breve busca por esta pesquisadora (cpdl.org61 e choralnet.org). (Costa, 2017, p. 64).

Uma solução apontada para lidar com as dificuldades do repertório tradicional tem sido a adoção de arranjos de canções de estilos diversos, como a bossa nova, o sambas, o maracatu, o funk, o rock e a MPB — com destaque para a MPB, que, com o surgimento de diversos arranjadores corais a partir dos anos 1970 (como Marcos Leite, Samuel Kerr,

André Protásio e Paulo Malagutti, para citar alguns), tem sido frequentemente utilizada em arranjos para coros juvenis (Costa, 2017, p. 70, 108, 109 e 126). A adoção e confecção e arranjos para os coros juvenis será abordado adiante.

No entanto, mesmo essa prática não resolve o problema de renovação de repertório. Como expus anteriormente, na minha experiência, também encontrei arranjos de MPB sendo repetidos. Assim, mesmo esta solução apresenta risco de que as obras caiam em repetição e ingressem no cânone. Afinal, como Vertamatti aponta, “apesar da prática do canto coral estar se tornando mais presente na vida da criança e do jovem [...], uma simples observação dessa prática aponta para uma restrição na escolha de repertório, em geral limitado a canções étnicas ou à Música Popular Brasileira” (Vertamatti *apud* Costa, 2017, p. 64).

Costa alega ainda que a atividade coral juvenil no Brasil (e mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro) apresenta “escassez de renovação material (seja ele musical ou pedagógico, seja mesmo humano) e da falta de uma busca estética condizente com os anseios de expressão do jovem de nossa sociedade” (Costa, 2009, p. 4). Portanto, se considerarmos que o cânone tradicional apresenta obras que podem não condizer com o perfil da juventude brasileira (e do estado do Rio de Janeiro) e não com as especificidades vocais de um grupo de coralistas adolescentes, então, a prática de manter a tradição pode ter seu valor — e esse valor aqui não é contestado, sendo reconhecida a relevância dessas obras (sacras, eruditas, populares) na formação cultural e musical do coro — mas também pode afastar o jovem e desgastar o cenário coral. Além disso, a autora ainda defende que:

É especialmente no coro juvenil que se encontra uma enorme disponibilidade para a criação de novas formas de desenvolvimento do canto em grupo, utilizando-se da inquietação inerente à faixa etária. Através de minha prática, posso inferir que a avidez do jovem pela quebra de conceitos e à experimentação de novas possibilidades faz do trabalho com adolescentes uma fonte inesgotável de novas ideias, quer seja no sentido estético, quer na escolha das peças a serem trabalhadas. (Costa, 2009, p. 71).

Patricia Costa traz ainda dados importantes de sua pesquisa de mestrado (Costa, 2009) na qual realizou entrevistas semiestruturadas com 23 regentes de coros juvenis e 18 de coros não juvenis (infantis ou adultos). Nas respostas obtidas, a autora observou que muitos regentes utilizavam arranjos (escritos ou não por eles), além de (ou mesmo em vez de) peças tradicionais para coro — o que a levou a duas conclusões: “1. As peças tradicionais podem não se adequar às configurações dos grupos corais pesquisados

(juvenis ou não) em relação à distribuição das vozes, alcance de notas, timbre etc. 2. *Há uma necessidade de renovação de repertório específico para os grupos*” (grifo meu).

Uma possibilidade de renovação mencionada posteriormente por Costa (2017, p. 65-66) em sua tese, baseando-se em Leila Vertamatti⁷, é a utilização de peças corais contemporâneas, incluindo improvisação vocal e música eletroacústica. A autora justifica a adoção desse tipo de repertório para ampliar a vivência musical dos adolescentes envolvidos com canto coral com o objetivo, inclusive, de dar aos cantores subsídios para a comparação de repertório.

As conclusões de Costa nos levam a um fator essencial no processo de seleção do repertório. Como Figueiredo (2006, p. 6) expõe, há uma enorme quantidade de obras escritas para coro, de ampla variedade: “sacras e profanas, internacionais e brasileiras, modernas e antigas, eruditas, populares e folclóricas, para coros mistos e vozes iguais, masculinos e femininos, adultos e infantis” e defende que “não é possível, diante deste quadro, ficarmos na ‘mesmice’. É preciso pesquisar.”

2.4 Pesquisa de repertório

A necessidade da pesquisa de repertório para coros juvenis é defendida por diversos autores. O motivo principal elencado por eles é a adequação do repertório ao grupo, atendendo a critérios gerais e específicos para um coro juvenil (que apresento posteriormente nessa pesquisa). Miguel *et al* explicam essa necessidade (corroborados por Costa, 2017, p. 61), por terem observado que:

[...] em coros de adolescentes, o uso de muitas composições ou arranjos impróprios, do ponto de vista da extensão e tessitura vocais; inadequações na concepção da sonoridade vocal adolescente, ao empregar uma característica sonora de voz adulta no trabalho com vozes juvenis; há problemas, ainda, na qualidade do texto que, por vezes, é poeticamente pobre e não atende à faixa etária, entre outros elementos. (Miguel *et al*, 2020, p. 2).

O grupo de autores mencionado na citação anterior defende uma pesquisa contínua de repertório, visando uma ampliação do conhecimento deste, de modo a evitar peças que não sejam adequadas ao coro e para que se possa ter variação de gênero, estilo, forma com obras de diferentes períodos e de variados compositores. A essa questão, Costa

⁷ Em sua tese, Costa se refere a VERTAMATTI, Leila Rosa Gonçalves. *Ampliando o repertório de coro infanto-juvenil – um estudo de repertório inserido em uma nova estética*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

(2003, p. 13) adiciona que, na busca de uma estética diferenciada, muitos profissionais podem se sentir perdidos, pois, além da exigência de um repertório que abarque as questões fisiológicas da voz, há também de se buscar peças em que se tenha “uma imediata identificação do cantor com a proposta de comunicação daquilo que estará sendo cantado.” Costa também cita Fernandes (*apud* Costa, 2009, p. 74), que afirma que

é natural que este tipo de grupo exija um tipo de repertório que espelhe de alguma forma a grande diversidade de vivências culturais que o constituem, assim como o gosto e a formação de seus diretores (regentes). (Fernandes *apud* Costa, 2009, p. 74).

Tratando especificamente da pesquisa do repertório, Costa chama a atenção para a necessidade de “levar-se em conta as diferentes fontes de acesso às obras musicais, posto que isto determina o conjunto de músicas de onde se extrairá material para a atividade em foco” (Costa, 2017, p. 59). A autora segue exemplificando duas formas de contato para com esse repertório. A primeira, seria através de uma escuta prévia direta, isto é, ao assistir a concertos e apresentações de outros coros ou através de vídeos, CDs e DVDs, por exemplo. Esta forma de contato pode ser feita não só pelo regente, mas também pelos coralistas, pela pessoa responsável pela direção ou manutenção do coro, enfim, por qualquer agente ou observador, pois ela não prescinde de grande desenvolvimento técnico-musical.

Já a segunda forma, seria feita através do contato com a partitura. Neste trecho de sua tese, Costa lista diversas possibilidades para esse contato:

Esta [a partitura] pode ser pesquisada e/ou adquirida em sites, editoras, festivais corais e lojas de artigos musicais; por conseguinte, pode se apresentar em forma física (em papel) ou virtual (arquivos como pdf ou de programas específicos de música para tecnologias de informática – softwares como Encore, Finale e Sibelius). A partitura pode ainda ser fruto de doação (no Brasil, comumente, cópia xerox de publicações) ou de indicação de colegas, professores, amigos e demais coralistas. (Costa, 2017, p. 59).

A essas possibilidades, Almeida (2016, p. 27), considerando a longa duração e a dificuldade do processo de busca das peças para o repertório, sugere também o contato com editoras de partitura e a participação em congressos que possibilitem ao regente ouvir outros coros realizando um repertório variado. Além disso, o regente deve ficar atento aos acervos de partituras do lugar onde trabalha.

Ainda que essas indicações sejam essenciais para encontrar as peças que melhor atendam aos critérios decididos para o coro, Costa (2017, p. 114) explica que, no Brasil,

a produção/divulgação do repertório para coro juvenil ainda se encontra “em vias de interesse, organização e desenvolvimento”. Assim, o regente pode encontrar dificuldades em sua busca por, frequentemente, dispor de pouco material para avaliar.

Dessa forma, um dos caminhos encontrados para a formação do repertório, contornando as dificuldades apontadas acima, que desde muito vem sendo utilizado por regentes é a adaptação do repertório e, especialmente, a composição de arranjos específicos para o coro do regente.

2.5 Confeção do próprio repertório e produção de arranjos

O termo “arranjo” pode ser definido como “uma prática de reelaboração musical” (Oliveira; Igayara-Souza, 2017, p. 6), sendo caracterizado também como a “reestruturação de uma obra ou de um tema musical com a inserção de novos elementos, obtidos a partir de técnicas musicais específicas, como desenvolvimento temático, variação, polifonia, instrumentação harmonização e outras” (Bastos *apud* Almeida, 2016, p. 28). Esse termo também pode enquadrar a transcrição, a redução, a orquestração, a adaptação e a paráfrase, mas com a diferença de que “a designação ‘arranjo’ parece dar ao seu criador a permissão de modificar, acrescentar ou diminuir, em suma, manipular de maneira flexível o material original pré-existente” (Oliveira; Igayara-Souza, 2017, p. 6).

A produção de arranjos serve como trunfo para os regentes de coros juvenis escolares. Costa (2017, p. 60-61) afirma que a adaptação do repertório é comum nesses tipos de coros, principalmente nos infantojuvenis, por conta das especificidades em relação à voz dos coralistas, que passam pelo processo da muda vocal. Para além dessa questão, Figueiredo (2006, p. 6-7) também chama a atenção para a dificuldade em relação à formação do coro. O autor defende que, mais do que uma alternativa, a criação do próprio repertório é uma necessidade:

Todos nós sabemos da dificuldade cada vez maior de termos um coro equilibrado, no que diz respeito a seus naipes. Muitas vezes, a pesquisa de repertório se torna frustrante, ao constatarmos que aquilo que existe não se adapta ao coro que temos. Os regentes brasileiros se deram conta do problema e passaram a investir na criatividade, gerando novas alternativas para repertório. (Figueiredo, 2006, p. 6-7).

A necessidade de se produzir o próprio repertório também é reconhecida por Oliveira e Igayara-Souza:

Principalmente para aqueles regentes que trabalham o repertório popular em seus coros, arranjar tornou-se atividade intrínseca, tal como fazer preparação vocal, ensaio de naipe e geral, escrever programas, produzir concertos e tantas outras atividades inerentes a este profissional. A habilidade de fazer arranjos pode ser desenvolvida e utilizada em maior ou menor grau, dependendo da necessidade do grupo com o qual se trabalha. (Oliveira; Igayara-Souza, 2017, p. 2).

Por fim, se levarmos em consideração a velocidade com que as músicas são veiculadas pelas mídias atuais, além do que foi exposto acima por regentes experientes, considero que o regente que tem em sua formação a prática da confecção de arranjos tem um trunfo em seu favor para atrair jovens para seus coros.

3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, analiso as entrevistas feitas com os três regentes selecionados, apresentando-os brevemente e explicando as metodologias da pesquisa e da análise.

3.1 Metodologia

A entrevista foi feita de modo semiestruturado. As perguntas foram baseadas no material bibliográfico apresentado, principalmente na tese de Patrícia Costa e no artigo de Miguel *et al*, partindo do levantamento dos autores para definir quais questões perguntar aos regentes.

Por motivos éticos de preservação da identidade dos indivíduos envolvidos, todos os nomes foram alterados para nomes fictícios. Para conseguir uma maior clareza na transcrição, todos os vícios de linguagem foram cortados; foram incluídos entre colchetes palavras e termos que complementassem e esclarecessem trechos que poderiam ter ficado dúbios; elementos externos que não foram possíveis de serem transpostas para a forma escrita também foram escritos entre colchetes.

A fim de evitar quaisquer alterações no conteúdo das respostas, após a conclusão das transcrições, estas foram enviadas para os entrevistados para que fossem revisadas.

A análise das respostas foi organizada em blocos separados por temas.

Procurei abordar na análise as repostas que atendessem ao objetivo dessa pesquisa, abdicando de entrar em outras discussões levantadas nas respostas que também poderiam ser oportunas ao cenário coral, mas que não se relacionam ao tema deste estudo. Além disso, quando pertinente, tracei um diálogo entre as respostas das entrevistas e os autores estudados — principalmente, Costa.

Os regentes escolhidos para a entrevista foram três regentes de coros juvenis (considerando a faixa etária previamente justificada) vinculados a escolas de Educação Básica, sendo a atividade coral oferecida fora do currículo escolar. Vale ressaltar que não foi estipulado como critério necessário para a participação na pesquisa que o regente fosse professor empregado pela escola, mas o público-alvo do coro deveria ser, ao menos em sua maioria, de estudantes da escola vinculada ao coro.

3.2 Informações gerais sobre os regentes e seus respectivos coros

O primeiro entrevistado, João, é regente de seu coro desde o início de 2022, após o fim da pandemia, estando a frente do grupo há dois anos e seguindo para o terceiro ano. Seu grupo contava com 57 integrantes inscritos pela última contagem ao final do ano 2023 (ano anterior ao dessa pesquisa) — mas, de acordo com ele, esse número não condiz com a quantidade de coralistas frequentando, tendo contado 51 na última apresentação do coro, em 2023. A faixa etária dos coralistas é entre 12 e 20 anos, abrangendo coralistas do sexto ano do Ensino Fundamental II e ex-alunos — mas com a ressalva de que a maior parte dos coralistas é da faixa de 12 a 16 anos de idade. O coro de João ensaia duas vezes por semana, com ensaios de uma hora de duração. João já teve experiências regendo coros adultos e infantis.

O segundo entrevistado, Kauã, é regente de seu coro há 1 ano e meio e o conduz com um colega, que acompanha o grupo ao piano. Seu grupo conta com dez coralistas, cuja faixa etária é entre 12 e 14 anos, abrangendo o sexto, sétimo e oitavo ano da escola. O coro ensaia uma vez por semana, com o ensaio durando uma hora e quinze minutos — sendo que a duração do ensaio já foi estendida para uma hora e quarenta minutos por ocasião da proximidade de uma apresentação ou para repor algum cancelamento de ensaio (e sem prejuízo de rendimento, de acordo com o próprio regente). Kauã tem experiência em coros adultos, tanto como regente quanto como assistente, mas esse é seu primeiro projeto como regente de um coro juvenil.

O terceiro regente, Fernando, é regente de seu coro desde 2019, estando no seu sexto ano à frente do grupo. Seu grupo conta com seis integrantes, com o coro ainda se reestruturando após a pandemia, por questões de remodelações internas do coro e das atividades extras do colégio de maneira geral. A faixa etária é entre 12 e 17 anos de idade. O coro ensaia uma vez por semana, durante uma hora e meia. Fernando também teve a oportunidade de reger o coro infantil da escola durante pouco tempo e reger o coro de responsáveis (coro adulto) da escola.

Além de regentes, João e Fernando também são professores de música das escolas as quais seus coros são vinculados. Por outro lado, ainda que Kauã não seja professor da escola do coro que rege, ele também é professor de música.

Todos os coros acima são atividades extracurriculares, ou seja, não compõem a grade curricular das escolas a que são vinculadas, ocorrendo fora do horário estrito das aulas e sendo opcional a participação dos estudantes.

Os três regentes citaram os seguintes fatores em comum na seleção do repertório: extensão da melodia; temática do texto; e interesse, motivação e participação dos coralistas. Dessa forma, começarei analisando estas questões

3.3 Extensão vocal e melodia

Ainda que a extensão da melodia seja um ponto em comum, é importante constar que esse não foi o principal critério abordado nas respostas das entrevistas — pelo contrário, a preocupação com a extensão da melodia e a consideração com as mudanças vocais estavam presentes, mas se apresentavam como uma questão secundária nas respostas. Isso não quer dizer, no entanto, que seria uma questão secundária na seleção do repertório. Pelo encaminhamento das respostas das entrevistas, interpreto que a extensão das melodias seja um critério naturalizado pelos regentes e que outros critérios tenham recebido foco e aprofundamento, até mesmo por conta das perguntas feitas.

Esse entendimento é reforçado em uma das respostas de Fernando, em que o regente disserta sobre a escolha de uma música, abordando ainda a preocupação com as possibilidades de realização musical do grupo, a formação do grupo e o caráter temático e a letra da música:

[...] o critério era [para] uma música como toda as outras: a extensão vocal era uma extensão que iria funcionar; era um arranjo apara duas vozes, então dava para trabalhar ali com a formação que eu tinha; a música era bacana, era agradável, a mensagem era aceitável dentro de um colégio, não tinha nada de mais, nada inadequado que algum pai pudesse ficar preocupado ou coisa do tipo. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

No entanto, vale ressaltar a importância da tessitura vocal na seleção do repertório, avaliando a extensão da melodia das músicas propostas e a situação da voz dos coralistas. Costa explica a relevância de se atentar a esse ponto, para além da preocupação com a voz:

É possível justificar que, por conta do momento peculiar de mudança no registro vocal dos cantores desta faixa etária, o cuidado com a tessitura se torne de fato primordial na escolha do repertório. [...] Tal zelo tem por precaução, não só o risco de prejuízo direto à voz do adolescente que cante fora da tessitura. As consequências podem também ter relação com a dinâmica do próprio grupo. Podendo ocorrer desestímulo, desistência e desprazer por conta de dificuldades técnicas nesta área, os regentes mencionaram a tessitura/ âmbito como fator facilitador de engajamento na atividade. (Costa, 2017, p. 79).

Dialogando com a extensão da melodia, João ressalta a importância de uma melodia delineada, sem muitos cromatismos e melismas. Para ele, ainda é necessário que o coro cante “músicas que trabalhem com essa ideia de melodia mais tradicional” (com altura e tempo bem definidos) e exemplifica:

Tinham algumas músicas com melodias com saltos difíceis, com cromatismo demais, outras tinham uma abordagem... O trap⁸, por exemplo, que é muito comum os adolescentes, ouvirem, os alunos do Fundamental Anos Finais e do Ensino Médio gostam muito de trap. Assim, dá para você fazer um arranjo coral para trap? Até dá, mas como fazer isso, eu ainda não encontrei nenhuma solução razoável que eu achasse interessante. Então, eu ainda preciso de músicas que trabalhem com essa ideia de melodia mais tradicional. [...] Pode ser que eu consiga, no futuro, fazer um arranjo para o trap, mas como o rap e o trap não trabalha exatamente com a ideia de melodia, ainda não consegui colocar. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Fernando relata dificuldades parecidas com músicas que também não apresentem melodias como a entendemos tradicionalmente, citando também o *rap*. O regente ressalta que, considerando a característica apontada por João, esse gênero seria voltado para uma performance de solo e que não funcionaria com o coro. O regente também evita músicas que exijam técnicas específicas, como *drive*⁹ e gutural, as quais ele não teria tempo nem os meios de ensaiar.

João relata ainda uma dificuldade específica de seus coralistas que o faz ficar especialmente atento a melodias — principalmente de arranjos de MPB e música *pop* que encontra, quando busca peças para o repertório de seu grupo.

[...] Muitos arranjos de música de MPB e música pop usam muita repetição de vogais e de, vamos dizer assim, aliterações do tipo “lalala”, “aaaahhh” [cantado mudando as alturas na mesma vogal], “ooohhh” [cantado mudando as alturas na mesma vogal] e isso, para mim, é um ponto negativo no arranjo para o meu grupo. Porque eu tenho um grupo de estudantes que apesar de terem aula de música, muitos deles estão ainda se afinando, muitos deles precisam ter uma noção de que a melodia está sendo apresentada com notas diferentes. [...] Para mim, para o meu grupo, é mais fácil deles entenderem que eles mudam de nota quando eles mudam de sílaba. E muitos arranjos da MPB é “lalaia, laia” [cantando uma linha melódica descendente com melismas nas vogais “i” e “a”], que é lindo quando você tem um grupo que já está com todo o timbre certinho, com toda a afinação certinha, com a mesma forma de vogal, aí fica lindo, aquele melisma lindo, com aquela mesma vogal. Só que para o meu grupo, eu preciso

⁸ Subgênero do *rap*.

⁹ Técnica de canto que gera um efeito de som “sujo” ou “rasgado”. Usado por cantores de *rock*, *blues*, *soul* entre outros gêneros.

que eles entendam que eles estão cantando notas diferentes. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Essa preocupação leva João a produzir seus próprios arranjos, mas aprofundarei melhor esse tópico adiante.

3.4 Texto e temática

A preocupação com o texto e com o tema das músicas é apontada não só pelos regentes entrevistados, mas também na pesquisa de Costa, com outros regentes, como ela apresenta:

Reginato se propõe a pesquisar o repertório a partir do tema das peças, buscando possibilidades de interpretação/ realização de assuntos com os quais os cantores se identifiquem. Também Andersen menciona a importância desta identificação do adolescente com o texto, que permite pesquisar e aprender sobre a poesia, o autor ou a interpretação do texto. Reginato menciona o termo clima para sugerir os momentos inseridos em seu repertório. Ao mesmo tempo, há também o foco em aspectos outros que não apenas de desenvolvimento técnico dos cantores. (Costa, 2017, p. 85).

Os outros aspectos que a autora cita (Costa, 2017, p.85) são aspectos culturais, psíquicos e de fruição das ferramentas adquiridas no processo, sendo ideal que os coralistas possam enxergar em si o desenvolvimento desses aspectos como parte de seu crescimento e aprendizado.

Essa preocupação com o crescimento e desenvolvimento também está presente nas respostas de Kauã. O regente afirma que gosta sempre de ter no repertório de seu coro músicas com textos que apresentem uma mensagem subliminar, que proporcione uma reflexão e que estimulem o pensamento crítico dos coralistas — ainda mais considerando a fase da adolescência.

Eu gosto dessas canções que tentam passar algum tipo de mensagem e acho que eles estão em um momento de transição de uma fase mais criança para uma fase mais adolescente, que traz um pensamento um pouco mais crítico, então, para essa galera, eu tento trazer isso nos textos, um pensamento crítico, uma visão política também, do indivíduo a sociedade, deles enquanto juventude, do mundo que eles querem para frente. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Ainda discorrendo sobre a importância do texto — principalmente para coros de adolescentes iniciantes — Costa defende a importância de um texto que consiga envolver o coralista na atividade:

A afirmação de Moretzsohn delega ao texto da música popular um papel de relevância, se comparado a outras obras corais. Concordo que isto se deva ao fato de que, para o cantor adolescente que vem experimentar o canto coletivo, a imediata compreensão ou identificação do texto a ser cantado torna-se fator de envolvimento, podendo facilitar sua participação no coro. Portanto, esta atenção ao tema das peças populares escolhidas se justifica, sobretudo, quando lidamos com grupos ou indivíduos iniciantes na atividade pois, o repertório coral tradicional apresenta nuances e sutilezas nem sempre perceptíveis para esta nova clientela, que pode ainda não possuir estofo musical para este discernimento. (Costa, 2017, p. 109)

Dessa forma, um texto de fácil absorção, compreensão e identificação por parte do coralista é também um recurso de aprendizado, proporcionando um foco nos aspectos musicais e dinâmicos da atividade coral, como a autora conclui:

Por outro lado, saliento que, ao absorver com facilidade o texto proposto pelas canções com as quais se familiariza, resta ao cantor concentrar-se naquilo que se apresenta como novidade para ele, quer seja a entoação de melodias distintas da principal, a compreensão das harmonizações do arranjo, as propostas de dinâmica, timbre, equilíbrio das vozes etc. Portanto, sobretudo para o cantor debutante, o recurso de arranjos para música popular pode vir a facilitar a realização do coro. (Costa, 2017, p. 109)

Entendendo a importância do texto na composição do repertório, Fernando valoriza temas que tragam consigo mensagens positivas, que tratem de paz, felicidade, alegria, irmandade e sobre amizade, numa espécie de contraponto à realidade encarada e vivida por seus coralistas, de pós-pandemia e guerra. Além disso, também aprova textos que valorizem outros aspectos humanos além da cobrança que esses jovens sentem nessa fase da vida.

Então, textos que valorizem a formação integral, que não foquem apenas em como usar o nosso tempo [como se fosse] “estudar, estudar, estudar, trabalhar, trabalhar, trabalhar”, mas valorizar também os outros lados da vida, que também são importantíssimos — e o próprio ambiente do coro já é esse ambiente, já é esse espaço para valorizar essas outras abordagens, essas outras necessidades humanas. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

Assim como Fernando, Kauã também valoriza canções com mensagens positivas para seu grupo, exemplificando com uma canção como o texto foi elemento decisivo para a seleção desta.

Então, quando vem isso, eu acho legal, coisas que valorizam a diversidade. Por exemplo: a canção do Bruno Mars, “Just the Way You

*Are*¹⁰, que a gente está fazendo. Eu não sei se eu escolheria uma canção como essa, do Bruno Mars, só que a mensagem da letra é muito maneira, sabe? Se você parar para ler a letra, realmente é muito maneira. Que se a gente escavar ali, discutir mais a fundo, a gente vai ver que é uma realidade que acontece com eles diariamente: é o menino que chamou ele de feio, é a menina que chamou ela de feia. A gente poder trabalhar isso com eles, discutir, sobretudo, com eles, assuntos como esse... Eu acho pertinente. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Por outro lado, os três regentes também trazem em suas respostas temas que evitam no repertório de seus coros. Quando perguntados sobre critérios que os levam a rejeitar uma obra para um coro juvenil, os três regentes responderam que, considerando o contexto escolar e pedagógico do coro, temas com abordagens sexuais, violência, citações ao crime organizado e músicas com letra machista, sexista ou racista (embora, de acordo com Fernando, nunca foi feita uma sugestão com teor racista) são rejeitados.

João entra em detalhes: ele entende que, ao trabalhar com um coro de escola — um coro, em sua maioria, composta por menores de idade, como ele mesmo ressalta — cabe a ele estabelecer um filtro adequado à faixa etária do grupo e ao contexto que o grupo se insere.

O regente ainda chama a atenção para um tipo de temática específico que evita: o de músicas cujo texto retratam o comportamento de pessoas maiores de idade. João entende que essa "proposta de postura" soa inadequada quando transportada para o coro juvenil e exemplifica e comenta sobre a rejeição desses temas em comparação com o cotidiano desses coralistas:

Então, por exemplo, “vou sair para beber sexta à noite”. Botar isso para o meu coro cantar seria possível? Seria, mas me soa pouco pedagógico. Não porque eles não possam, quando fizerem 18 anos, sair para beber. Não porque eu não acredite que eles cantem essa música em casa — vão cantar. Só que a minha escolha de uma música para colocar no coro, quando eu faço isso, eu tenho um endosso enquanto professor, eu estou utilizando essa música para uma proposta pedagógica. O coro tem uma proposta pedagógica, por mais profissional que o coro possa chegar um dia, ele sempre vai ser um coro de escola, nesse universo aqui. Então, ele sempre vai ter uma ligação pedagógica. Então, dentro desse cenário, eu não posso botar o meu aluno cantando uma letra de um cantor, por exemplo, “agora você vai sentar”, vamos supor. Que é uma frase que se você digitar no Google “agora você vai sentar” vão aparecer quinhentas músicas que eles escutam, que eles cantam, que eles dançam, eles vão para festinhas e cantam isso, eles sabem essas letras, eles cantam nas casas deles, eles

¹⁰ A canção, composta por Bruno Mars, Philip Lawrence, Ari Levine, Khali Walton e Kharin Cain, trata de um eu lírico apaixonado por uma outra pessoa, que não enxerga em si a beleza que o eu lírico enxerga.

cantam entre si, cantam na escola na hora do recreio. Mas eu, enquanto professor, tenho a minha preocupação pedagógica de não endossar que isso entre no repertório da aula. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Destaquei este relato por ele exemplificar muito bem a responsabilidade pedagógica de um regente de um coro escolar. Entendo que ele dialoga diretamente com a discussão sobre a abertura da seleção do repertório para os alunos, em que é necessário equilibrar interesses e desejos dos coralistas com a proposta pedagógica de um coro juvenil em um contexto escolar.

É necessário ressaltar que, em sua pesquisa, Costa cita dois regentes que, em oposição ao que foi exposto anteriormente, “partem do princípio de que a música tem supremacia em relação ao texto, que fica em segundo plano e, assim, não constitui critério para escolha de repertório” (Costa, 2017, p. 86). No entanto, é interessante notar que um dos regentes, após continuar a entrevista com Costa, vai refletindo e, resumindo as conclusões alcançadas, o regente “finaliza constatando que, ao contrário da primeira afirmação — de que não haveria qualquer influência da letra sobre a escolha do repertório — a quase totalidade de sua seleção depende do texto” (Costa, 2017, p. 87).

Por fim, cito Costa novamente para reiterar a importância da escolha dos temas para a seleção do repertório, que foi reforçada pelas respostas dos entrevistados:

A escolha do tema requer diferentes análises e avaliações de repertório, que não apenas a adequação técnica das peças ao coro que as irá executar. Também diz respeito à identidade dos adolescentes envolvidos e do momento do grupo podendo tais critérios, por isso mesmo, serem ou não um facilitador para a realização do repertório almejado. As decisões do regente quanto a esta seleção, comumente, são influenciadas por tais avaliações, além das metas que este pretende cumprir, tanto no âmbito técnico quanto nos objetivos pedagógicos de desenvolvimento do coro. Assim sendo, ciente do potencial de seu coro e dos objetivos pretendidos, cabe ao regente avaliar e escolher peças que forneçam de alguma forma tais conteúdos. (Costa, 2017, 114).

3.5 Textos em línguas estrangeiras

Ainda discutindo sobre os textos das músicas, um elemento que apareceu nas respostas dos três regentes foi a adoção de músicas de língua estrangeira no repertório.

O coro de Fernando, por exemplou, já cantou em inglês, alemão, espanhol e “africânia”¹¹ — com destaque para o alemão, que, pelo coro ser vinculado a um colégio de história alemã e que tem o ensino da língua alemã na grade curricular. Ele explica que ao adotar músicas com essa língua no repertório, aproveita o aprendizado dos coralistas para variá-lo. Além disso, o regente aproveita as outras línguas para trabalhar a dicção e a articulação do texto, utilizando a mudança da língua como oportunidade de variar a “roupagem” do trabalho desenvolvido.

Aqueles trabalhos que a gente faz já de coral, colocando uma língua nova, é uma forma de reciclar o assunto sem ficar muito chato, muito repetitivo, passar um pouco despercebido essas intenções de trabalhar determinadas consoantes e a forma de ressoar, a forma de finalizar, com eles, reforçando o cuidado que a gente tem que ter com músicas em português também, inglês ou qualquer outra língua que elas¹² já estão mais habituadas. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

Por outro lado, Fernando também relata ter dificuldade ao adotar músicas em outras línguas, por conta da necessidade de se trabalhar outros aspectos do canto coral, o que é uma prioridade para ele: “*porque todo ano começa uma formação nova e a gente tem que recomençar aquele trabalho de preparação vocal, de técnica, de extensão [vocal] e acaba que eu não foco muito nisso*” (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

Essa dificuldade relatada por Fernando também é encontrada na tese de Costa, em que a autora cita depoimentos “sobre a dificuldade de assimilação simultânea de música e de texto estranho ao universo do cantor” (Costa, 2017, p. 130). De acordo com ela, o uso da língua estrangeira pode ser mais um possível ponto de dificuldade a ser ultrapassados por coralistas que acabaram de ingressar na atividade coral.

Por outro lado, ela reconhece que grupos mais avançados podem tirar proveito dessa experiência, relatando, ainda sobre a adoção de peças estrangeiras, que “houve quem as estimasse como incentivo ao aumento de conhecimento pelos jovens cantores, colocando-os em contato com diferentes culturas e realidades, via repertório” (Costa, 2017, p. 91).

Esse contato com outras culturas pode servir como importante ferramenta para o desenvolvimento do gosto musical e para a superação de preconceitos e estigmas. O

¹¹ Em breve pesquisa feita, não foi encontrada uma língua com esse nome, mas a reproduzo aqui, se tratando, provavelmente, de uma língua da região africana.

¹² Fernando explica que seu grupo costuma ser composto por meninas e, por isso, ele prefere se referir a elas no feminino.

gosto por uma música de outra cultura pode ser um primeiro passo para a aproximação do coralista dessa cultura, instigando um novo olhar para com ela.

Esse direcionamento pedagógico para a seleção do repertório aparece na resposta de Kauã. O coro do regente também canta em inglês (como o coro de Fernando) e canta francês, crioulo cabo-verdiano e congolês. Kauã explica que a decisão de cantar em outras línguas foi tomada a partir dos resultados das sugestões de músicas feitas pelos coralistas. Observando que a maioria das músicas eram do gênero *pop* e em inglês, o regente provocou o grupo a pensar em músicas de outros lugares, em outras línguas.

Quando a gente propôs para eles sugerirem, é aquilo que eu falei, pop dos Estados Unidos direto, muito: é Taylor Swift¹³, é Bruno Mars¹⁴. E a gente sentiu que, vendo esse comportamento deles, a gente viu uma oportunidade para questionar isso para eles. [simulando um conversa com os coralistas] “Legal, vocês estão ouvindo isso, mas porque vocês só estão ouvindo isso? Vocês não ouvem outras coisas?”, “não, eu ouço aqui Rita Lee”, “beleza, beleza. Mas vocês estão ouvindo músicas de outros países que não os Estados Unidos e o Brasil, onde vocês vivem?”. [...] Eu sinto que essa provocação mexeu em algum lugar, com eles, porque essa efusividade de querer cantar em inglês baixou um pouquinho e começaram a surgir essa outras sugestões. Então, foi mais como uma provocação a partir do movimento natural deles de sugerir músicas muito nichadas nesse lugar do pop dos Estados Unidos. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Assim como Kauã, a inserção de músicas de língua estrangeira no repertório do coro de João também surgiu das indicações e sugestões dos coralistas. O seu coro também já cantou em inglês (como os outros dois regentes), francês (como o coro de Kauã) e espanhol (como o coro de Fernando) e cantou ainda músicas em japonês.

A gente cantou três músicas em japonês. Porque eles têm uma conexão com a cultura jovem japonesa muito forte. Então, eu peguei uma música tradicional do Japão — que é tipo a “Asa Branca” do Japão — e as outras duas músicas, uma foi uma sugestão de um jogo e a outra foi uma sugestão de um anime¹⁵. [...] Mas vem das sugestões deles, né? Porque o universo pop ele é muito internacional, internacionalizante, também. E como eu acho que a faixa etária deles, é o estilo ou o gênero musical que soa mais, que identifica mais com eles é o pop, na minha compreensão, pelo que eu vejo dos alunos, a maioria é o pop e o funk, aqui no meu universo da escola. E o pop é muito internacional. Mesmo quando é brasileiro, quando é feito no Brasil, o padrão, a forma é muito do pop americano, o instrumental é muito do pop americano, às vezes tem citações, tem rap dentro, enfim, tem muita coisa do pop americano.

¹³ Cantora e compositora estadunidense de músicas *pop* de grande popularidade.

¹⁴ Cantor e compositor estadunidense de músicas *pop* e *soul* de grande popularidade.

¹⁵ Animação japonesa.

Então, predominantemente o que vem de estrangeiro vem do pop americano. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Em relação às três primeiras línguas (inglês, francês e espanhol), vale ressaltar que o ensino das três são oferecidas pelo colégio de João, numa situação similar à de Fernando.

João também explica que seu objetivo ao adotar músicas em línguas estrangeiras é o de identificação dos coralistas com o repertório, que eles cantem aquilo que escutam.

3.6 Participação dos coralistas na seleção — e a busca de um vínculo entre eles e o coral

A participação dos coralistas foi um elemento que surgiu espontaneamente durante a entrevista, antes mesmo de eu perguntar sobre ele. Mesmo que a entrevista tenha sido feita de modo semiestruturado, todas elas seguiram na ordem estabelecida no roteiro até a pergunta “como é realizada a escolha do repertório”, como pode ser verificado no Apêndice A. E, em resposta a essa questão, todos os regentes citaram a participação dos coralistas na seleção do repertório com abertura para sugestão de músicas para serem arranjadas e realizadas — antes mesmo de serem questionados sobre o assunto.

João relata que, em seu primeiro ano frente ao coro, escolheu ele mesmo as músicas do repertório, buscando um repertório *pop* que tivesse feito sucesso e que os coralistas conhecessem. Já no ano seguinte, ele abriu para a participação dos coralistas, delimitando metade do repertório composto por músicas escolhidas por eles e metade por músicas escolhidas por ele e por outro professor, que na época trabalhava junto dele. Em seu terceiro ano, o regente expandiu a participação e decidiu compor o repertório apenas a partir da seleção de músicas sugeridas pelo coro. No entanto, quem, de fato, tem a palavra final sobre as músicas decididas é ele.

Eles “jogaram” tudo e eu peguei daquilo que eles “jogaram”, 180 músicas, eu selecionei ali, separei umas dez músicas — e eu tenho um grupo menor, dos auxiliares. Aí, consultei eles também, fiz mais uma peneira, até chegar nas cinco músicas que eu pretendi trabalhar esse ano. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Ou seja, ainda que os coralistas possam sugerir músicas, João ainda mantém a decisão final sobre quais canções incorporarão o repertório. Essa postura é verificada nos três regentes.

João também manteve algumas músicas no repertório de 2023 para 2024 (momento em que ele renovou o repertório) — e a decisão das músicas que seriam mantidas também foi feita pelos coralistas.

Fernando, além de também abrir para seleção, aproveita os pedidos de músicas de suas coralistas para organizar o repertório de acordo com as demandas de apresentações. Ele cita, por exemplo, o evento cultural de sua escola, em que as atividades extracurriculares devem se apresentar a partir de um tema definido:

Da parte que elas queriam cantar, elas gostavam muito de [músicas dos filmes da franquia] High School Musical¹⁶ e [músicas dos filmes da] Disney. Eu consegui colocar a Disney no evento — o tema do ano passado do evento cultural foi tradições e no ano passado a Disney estava fazendo 100 anos [...] da fundação [...]. E isso já se relacionava, de certa forma, a uma tradição, mas a gente focou, basicamente, na tradição das crianças de assistirem a determinado filme várias e várias vezes e ter um determinado ritual ao assistir aqueles filmes, a cantar aquelas músicas. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

Fernando também trabalha a experimentação e a criação de arranjos em conjunto com o grupo.

Ainda sobre pedidos de realização de músicas por parte dos coralistas, João afirma que também os recebe constantemente durante os períodos de ensaio, para além do momento estabelecido de receber as sugestões de repertório, e chega a os separar em diferentes "níveis":

Tem alguns que pedem de uma forma quase que automática — chegou ouvindo uma música, [simulando o aluno falando] “ai, professor, coloca a música tal” e canta, e tal. Tem outras que vão um pouco além. “Professor, preciso conversar com você no final do ensaio”. Aí eu penso, “vai sair do coro”. Aí vem e conta, “não, eu ouvi uma música”, “minha mãe falou uma música que é muito legal da gente cantar”. E tem uma terceira, que é aquela que a pessoa vem e traz, ou então me manda por email ou pelo Whatsapp uma gravação. Então, tem vários níveis de pedidos. Quando o repertório já está fechado e os arranjos já estão feitos, eu falo “olha só, vai ter uma época do ano que a gente vai abrir para vocês selecionarem e aí você coloca a sua sugestão”. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

É interessante observar como esses pedidos são feitos espontaneamente e são comuns nos três casos analisados¹⁷. Kauã também afirma receber pedidos recorrentes e

¹⁶ Trilogia de filmes do estilo musical dos Estados Unidos, sendo o primeiro filme estreado em 2006.

¹⁷ Chama a atenção o fato de que os três regentes citarem músicas do gênero *pop* como principais pedidos, com destaque para a cantora Taylor Swift. Esse fato parece reforçar a fala de João, de que o *pop* é o gênero que os jovens mais consomem.

relata um caso interessante, em que, após a virada do ano (de 2023 para 2024) os corralistas passaram a pedir músicas da Rita Lee. O regente supõe que isso possa ter a ver com algum projeto do colégio que possa ter colocado os jovens em contato com a obra da cantora após sua morte¹⁸.

Kauã explica que organiza a participação dos corralistas na escolha do repertório da seguinte maneira: o regente recebe as sugestões de músicas dos corralistas, analisa com seu colega quais atendem aos critérios estabelecidos e retorna ao grupo com as músicas que atendem ao objetivo estabelecido. Em seguida, é feita uma votação para os corralistas decidirem quais dessas músicas comporão o repertório.

Kauã explica que também propõe algumas músicas da parte dele (como João, no seu segundo ano frente ao coro), mas que procura aproveitar as próprias sugestões do grupo.

Então eles trazem muita coisa que a gente pode usar e eu parto do princípio de que, se eles estão trazendo coisa que dão pano para manga para a gente trabalhar esses vários assuntos que a gente falou aqui, por que não? Por que não usar o que eles estão trazendo? Às vezes, o que eles trazem é uma ponte para a gente trazer uma coisa nova. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Assim, ele busca um repertório que seja do interesse dos corralistas, que dialogue com seus cotidianos, realidades e gostos, buscando um equilíbrio dialógico entre o que o grupo traz e o que o regente quer proporcionar.

Acho que é balancear essa coisa de cantar música produzida no nosso país, na nossa língua, nas nossas diversas culturas, canções que estão presentes no cotidiano deles, que eles têm contato, esses sons, para que eles se apropriem do projeto através disso também. [...] Entender o perfil desse grupo, até para você pode trazer uma sugestão de uma música que seja brasileira, que você supõe que eles não tenham tanto contato — claro, tudo suposição — ou uma música de um outro país, de uma outra cultura, que você supõe que eles também não tenham contato. Mas eu penso que para escolher uma música e trazer para eles, eu tenho que tentar dar sentido para eles, eles têm que ver sentido naquilo. Então, eu busco criar algum vínculo, algum elo com algum ponto de interesse que eles tenham, seja um ponto geral, sejam coisas isoladas que trouxeram individualmente, mas tentar criar algum link para fisgar de alguma forma, e não empurrar alguma coisa goela abaixo deles. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Como visto na citação acima, “vínculo” parece ser o fator principal na decisão dos regentes de escutar as sugestões dos corralistas. O próprio Kauã, em outro momento,

¹⁸ A cantora Rita Lee faleceu em 8 de maio de 2023.

reforça essa ideia e explica que para estabelecer esse vínculo, procura diferenciar a atividade coral de uma aula.

Quando eu e o meu colega que “toca” o coro junto comigo entramos lá, a gente queria muito proporcionar um ambiente ali — porque, enfim, é um coro de uma escola e é um curso extraclasse, então, a gente queria deixar claro que ali era um espaço diferente do espaço da sala de aula para as crianças se apropriarem daquilo e criarem um vínculo. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Ao dar sentido à atividade para os coralistas, o regente entende que, dessa forma, está aproximando o grupo ao projeto, mostrando-os de que o coro é um espaço em que eles serão ouvidos e contribuindo para a atração e a manutenção desses coralistas. Por outro lado, como apresentado anteriormente, além de acolher as sugestões dos coralistas, Kauã também busca proporcionar ao grupo experiências com músicas novas, que não estejam no cotidiano deles.

Então, essa está sendo inicialmente a nossa estratégia de repertório, para eles criarem esse vínculo, ganharem a nossa confiança, ver que é um espaço de criação conjunta e eu espero que ainda esse ano e para os próximos anos a gente consiga trazer mais coisas assim, não deixar tanto na mão deles e tentar propor mais para botar eles em contato com coisas que não estão ali no dia a dia deles, que pelo menos para mim, quando eu cantava em coral, era uma coisa muito legal, que eu vejo que hoje fez muita diferença, ser apresentado a uma nova música no coral, a um novo gênero musical, a uma nova língua. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Essa postura está em consonância com Parker (*apud* Costa, 2017, p. 100), quando o autor discorre sobre o assunto:

O repertório é uma parte, dentre muitos fatores, que eu diria que ajudam a reter cantores. [...] Eu acho mesmo que precisamos estar conscientes do porquê de nossos alunos estarem lá. E uma grande parte disto é social. E é sobre alegria e expressões de felicidade; ou sobre conseguir colocar a voz para fora, uma forma de expressão. Eu realmente escolho repertório baseada nestas coisas, que considero importantes, e as peças tendem a atrair e reter indivíduos. (Parker *apud* Costa, 2017, p. 100)

Indo ao encontro da fala de Parker, João procura escolher músicas que dialoguem com a vida dos coralistas, entendendo que o repertório de um coro juvenil precisa ser motivador e encontrar eco na vida e no cotidiano deles, para que eles se engajem na atividade.

Como fazer com que esses alunos se mantenham vindo aos ensaios? Não é nem se mantenham no coral, porque falam “eu sou do coral”.

Ok, mas que se mantenham vindo aos ensaios, vindo. Como? Essa é a pergunta que eu levaria umas três, quatro horas respondendo todas as estratégias que eu tenho, mas a principal delas é: vínculo. O coro tem que criar vínculo. Eles têm que ter tipos de vínculo: amizade, ou interesses afetivos, inimizades também. Enfim, eles têm que ter vínculo, eles têm que ter uma história de vínculo juntos. Esse grupo tem que ter uma história de vínculo juntos, eles têm que ser uma comunidade. Isso é a liga principal do grupo. Por isso [...] eu faço ensaios, e eu tenho 40 pessoas vindo semanalmente no meu ensaio, no meio da greve. São 40 adolescentes que saíram de casa, o ensaio começa às dez horas, eles saíram de casa, a maior parte deles mora mais ou menos a uma hora daqui, acordaram às 7:30, arrumou 8 horas e tal, adolescentes que dormiram, às vezes, jogando até três, quatro horas da manhã, mas acordam e vêm. Isso é um sinal que eles têm, nesse grupo, vínculo. Mais do que pretensão musical, repertório ficar bonito — não, eles têm vínculo. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

No entanto, como mencionado anteriormente, ainda que os regentes recebam as sugestões dos coralistas e até mesmo componham o repertório somente a partir dessas sugestões (como João disse estar fazendo em seu terceiro ano frente ao grupo), são eles que definem quais das músicas sugeridas serão cantadas. A participação dos coralistas é bem-vinda e até mesmo incentivada, mas são os regentes os responsáveis por avaliar se a músicas sugerida ou pedida é adequada para aquele grupo, considerando fatores técnicos, musicais, pedagógicos, temáticos e outros que ainda serão abordados neste capítulo. Como defendido no Capítulo 2, a participação dos coralistas não exime o regente de sua responsabilidade em avaliar as peças.

Cabe ao regente coral o discernimento para avaliar quando e como adotar uma postura investigativa quanto ao repertório, ao mesmo tempo em que amplia o universo musical dos adolescentes, oferecendo-lhes peças que não são de seu prévio conhecimento. (Costa, 2009, p. 72).

3.7 Outros critérios para a seleção

A busca pela variedade no repertório também foi abordada nas respostas. Essa variedade não é buscada como fim nela mesma, como Costa (2017, p. 88) aponta, mas como instrumento pedagógico do regente para apresentar aos coralistas outras culturas e desenvolver o gosto por músicas, ainda que desconhecidas para o grupo. Além disso, com uma maior variedade, o que também se obtém é a “ampliação de recursos que o adolescente possa acionar, via música, para encontrar eco para suas questões, seus valores e para identificar seus pares” (Costa, 2017, p. 90).

Este fator foi parcialmente coberto anteriormente, no tópico sobre textos em línguas estrangeiras e sobre a participação dos coralistas. É possível encontrá-lo na resposta de Kauã: o regente defende que, por seu coro ser um coro brasileiro, é importante que sejam cantadas músicas brasileiras de lugares diferentes, proporcionando ao grupo contato com os diversos “Brasis” no nosso país, como ele mesmo afirma. O regente entende que, numa realidade em que muitos dos jovens interagem entre si e consomem cultura pela internet e pelas mídias sociais, um espaço em que as culturas tradicionais e populares¹⁹ do nosso país dificilmente são encontrados, é essencial proporcionar o contato do grupo com essas músicas.

Fernando também defende a realização de um repertório variado, mas explica que tem dificuldade de concretizar esse objetivo:

Idealmente falando, um repertório muito interessante seria [usando] línguas diferentes, gêneros diferentes e, também, épocas diferentes. Trabalhar músicas de outros séculos, que não o século XX e o século XXI seria ótimo, uma maravilha. Mas é um pouquinho complicado, por causa das demandas que a gente tem, e às vezes são músicas que também já são um pouquinho mais complicadas, que vão exigir um pouco mais do coralista. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

A “possibilidade musical” da obra foi um critério elencado por João e de Kauã. O segundo explica que procura, nas sugestões dos coralistas, músicas que possam proporcionar um arranjo “que dê caldo” — ou seja, que apresente material musical rico para a produção de um arranjo e atenda aos objetivos do regente.

Ainda sobre características musicais da obra, Fernando destaca a duração das músicas como um fator relevante na avaliação das peças. De acordo com ele, “uma música muito curta às vezes não vale tanto a pena; às vezes ser uma música muito longa pode dar uma certa complicação”.

Essa questão se relaciona diretamente com o grau de dificuldade das músicas do repertório e do que poderia ser chamado de “possibilidade musical” do grupo. Como Costa defende:

Dentre os critérios para escolha de repertório, é necessário que sejam analisados, primeiramente, determinados parâmetros técnicos do coro, tais como o número de cantores e as características da formação dos naipes, o nível de desenvolvimento musical/vocal dos participantes, a

¹⁹ Não será abordada a definição de cultura popular e tradicional, tanto por conta do escopo dessa monografia, quanto porque, mais importante do que estabelecer uma definição para esses conceitos seria entender a concepção do entrevistado — o que não ocorreu durante a entrevista.

qualidade vocal do grupo, a capacidade de realização de determinados graus de dificuldade, além do perfil social do coro e de seus componentes, e das metas e objetivos deste. (Costa, 2017, p. 59).

Além do que já foi destacado, João defende ainda que o coro tenha um repertório que o grupo consiga realizar no tempo estipulado. Do contrário, se for uma obra que exija muito tempo, se torna difícil dos coralistas se manterem engajados, como ele exemplifica:

Eu tive um coral de adultos, em 2005, que foi um dos primeiros corais que eu tive. Eu escolhi um repertório lindo. Botei para eles ouvirem e eles acharam lindo. Foi a primeira coisa que eu fiz, logo antes de começarem os ensaios, botei a música para eles ouvirem a gravação. Eles acharam maravilhoso, eu distribuí a partitura e comecei. Não saiu do terceiro, quarto compasso e depois de dois meses eles foram desanimando, porque eles não tinham condições musicais de realizar aquele repertório. Então, é importante também que a gente tenha uma música dentro desse repertório que eles consigam dar conta no período de seis meses, no máximo, um semestre. Mais do que isso é uma obra de muito vulto. Vai ser muito difícil eu continuar mantendo-os engajados. Fica muito chato para eles. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Outro critério que aparece nas respostas — dessa vez, provocado por uma pergunta do roteiro — é o gosto do regente.

Fernando defende que o gosto do regente sempre acaba afetando o repertório e que não há como se isentar no momento da escolha. Por outro lado, ressalta que seu gosto nunca foi um impeditivo para acatar as sugestões dos coralistas.

Kauã entende que, acima do seu gosto, há o seu objetivo pedagógico de incluir os interesses e gostos dos coralistas no repertório e valorizar as culturas brasileiras possivelmente desconhecidas do grupo. No entanto, o regente reconhece que a valorização dessas músicas tem a ver com o seu gosto musical — e, considerando que foi Kauã, em conjunto com seu colega, que escolheu as músicas para o repertório, por tudo o que já foi falado antes, entendo que seu gosto influenciou no repertório, ainda que inconscientemente.

João, assim como Fernando, entende que seu gosto afeta a escolha do repertório, ressaltando ainda que, às vezes, consegue perceber a influência de seu gosto após a seleção.

Por outro lado, ele afirma que também é influenciado pelo gosto dos coralistas. Ele explica que, por conta da proximidade e confiança que tem em relação ao grupo, o convívio no coro estabelece um filtro permeável para as músicas sugeridas pelo coro.

Eles mesmos já entendem que não vão sugerir uma coisa que seja negativa para o grupo, por exemplo. Eles têm uma frase: “nem toda música é boa para coral”. Eu nunca falei isso. Mas eles trouxeram essa frase, porque eles já entendem que o coral é um organismo que é permeável, que dá para entrar muita coisa, mas que tem uma membrana, entendeu? Tem algumas coisas que ficam de fora do coro e quem estabelece isso, acho que é a minha relação com eles. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Terminada a análise dos critérios para a seleção do repertório dos entrevistados, me encaminho agora para analisar outros elementos que se relacionam à seleção.

3.8 Arranjo, adaptação e busca de repertório

Como exposto no Capítulo 2, é consenso entre os autores a demanda da produção de arranjos e adaptação do repertório para coros — principalmente coros juvenis, em que os coralistas estão na idade de passar pela muda vocal. Essa demanda é reafirmada pelas respostas dos regentes: os três afirmaram criar os próprios arranjos para seus grupos.

Kauã produz, em conjunto com seu colega, a maioria dos próprios arranjos, utilizando apenas um arranjo de autoria de outro arranjador. Além disso, como exposto anteriormente, o regente procura músicas, nas sugestões dos coralistas, que possam proporcionar um arranjo que atenda aos seus objetivos. A justificativa para isso seria a simplicidade dos arranjos.

Mas é aquilo que eu te falei, são arranjos bem simples, a grande maioria é muito em uníssono e o que a gente acaba fazendo de criação mesmo são as movimentações e algumas introduções, um intermezzo ou outro. Mas toda questão de forma e estrutura, é quase sempre a gente que toca. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Essa simplicidade se encaixa na sugestão de Correia, que afirma que

[...] o repertório cantado pelo grupo deve ser escolhido a partir das características deste grupo e precisa estar dentro do nível técnico do coro. Sendo um grupo iniciante é o momento de pensar num repertório um pouco mais simples, para que possamos trabalhar não apenas a afinação, mas também o fraseado, dinâmica e estilo. (Correia, 2023, p.47).

Por outro lado, o regente também aproveita trechos de outros arranjos prontos adaptando-os para seu grupo, o que indica ou uma busca por arranjos ou por um pré-conhecimento desses arranjos.

João explica que sempre parte da busca de arranjos já feitos para a construção do repertório do coro. Contudo, ao produzir seus próprios arranjos, consegue preparar um repertório que esteja de acordo com o perfil e as especificidades de seu grupo, como indicado na seção sobre extensão vocal e melodia.

Produzo todos os arranjos. Baseado nos que eu já sei, por exemplo, que eu tenho poucos baixos; os meus baixos têm muita dificuldade de afinação, então eu já sei que eu tenho que dar menos notas para os baixos; eu tenho muito contralto, então muita melodia principal da música, às vezes, vai para as contraltos e as sopranos fazem algumas terças acima, algumas intervenções, porque a sonoridade de contralto é maior. Então, eu conhecendo o grupo, eu faço o arranjo de acordo com a “cara” dele. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Fernando diz preferir produzir os próprios arranjos para as músicas do repertório de seu grupo. Assim como João, um dos motivos citados é a dificuldade de encontrar arranjos que atendam suas demandas. Ele reconhece que seria possível encontrar arranjos prontos, mas que — e este é um outro motivo — ele prefere “começar do zero” e construir o arranjo em conjunto com as coralistas. De acordo com ele, essa atividade não só é algo gratificante, mas também serve como ensaio para o grupo.

E é muito legal fazer esse trabalho de criar o arranjo com o coro junto, você vê...[simulando conversa com o coro] “olha, aqui nesse verso a gente já usou uma textura de melodia acompanhada, a voz 2 e a voz 3 estão fazendo ali um [melodia com uma nota longa e duas curtas na mesma altura], alguma coisinha assim, enquanto a melodia principal está acontecendo. Vamos fazer diferente agora nesse lugar? E se a gente fizesse aqui um contraponto? Se a gente fizesse aqui uma pergunta e resposta? Uma imitação? Uma coisinha assim, será que funciona? E nesse outro momento aqui, será que a gente consegue colocar todo mundo em coral, fazer ali um bloco? Como ficaria isso? Será que a gente consegue fazer aqui uma polifonia?” Então, ir abordando esses assuntos com elas é bem gratificante, também, e eu acho que elas gostam de participar dessa formação. E, enquanto isso, a gente já está ensaiando, já está praticando e funciona bem. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

Dessa forma, os três regentes parecem confirmar a ideia de Figueiredo (2006, p. 6-7) e de Oliveira e Igayara-Souza (2017, p. 2) de que o regente coral, na atualidade, encontra a demanda de saber arranjar (ou pelo menos adaptar) peças para o seu coro.

3.9 Influências exteriores ao coro

Fernando relata que na escola de seu coro há um importante evento cultural em que todas as atividades extras artísticas participam se apresentando. Esse evento tem um tema escolhido a cada ano e as apresentações precisam estar dialogando com ele. Como o próprio regente explica:

Nós professores organizamos como é que vai ser a estrutura do evento, que história a gente quer passar baseada nesse tema e a gente tenta sempre ouvir os alunos para ver qual repertório eles gostariam de praticar e apresentar, mas, naturalmente, tem que ter a ver com o tema, tem que estar ali associado ao nosso escopo, à ideia do programa como um todo e muitas vezes, assim — beleza, o coro escolheu uma música para cantar dentro daquele tema, a gente discutiu o tema com os alunos, vê se aquilo funciona dentro da ideia geral do colégio e leva para a reunião para ver se é aprovada pelos professores. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

Por isso, o regente sempre valoriza músicas cujo tema está de acordo ou pode ser inserido no tema principal do evento.

Ainda dentro do contexto desse evento cultural, há a possibilidade de outros grupos de atividades extras solicitarem que o coro cante músicas específicas que farão parte da apresentação desses grupos.

E, naturalmente, o grupo do jazz vai fazer algo semelhante e aí o grupo do jazz vem com outra proposta: [falando como se fosse o grupo do jazz] “ah, queremos apresentar essa música, dançar essa música. O coro pode cantar também?”. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

Além disso, como exposto anteriormente, pelo coro de Fernando ser vinculado a uma escola alemã, o regente procura sempre incluir músicas cantadas nessa língua. Vale ressaltar que a inclusão dessas músicas não é uma imposição, mas uma escolha que o regente toma considerando o contexto de seu coro — e, por isso, incluiu-o como fator de influência exterior ao coro.

João, por sua vez, relata a necessidade de trabalhar o hino da escola e um encontro de coros em que foi solicitado que o coro aprendesse um arranjo para cantar com os outros grupos. Dessa forma, ambos os regentes, João e Fernando, trazem situações de influência do contexto escolar e de eventos em que o coro deverá se apresentar. Esse fator é corroborado por Costa:

Do ponto de vista da instituição, é possível considerar como fator de escolha de peças a indicação de conteúdo visando um tema, uma festividade, um evento (tal como concurso, mostra musical e viagem

cultural), além de louvação e datas festivas, no caso de grupos pertencentes a instituições religiosas. (Costa, 2017, p. 58).

Outro fator exterior ao coro que abordei nas entrevistas foi a possível influência de prazos e das apresentações na escolha do repertório. A essa pergunta, os regentes responderam de maneiras diferentes.

Kauã entende que as apresentações não afetam a escolha do repertório e explica que a escola a qual o coro é vinculado apenas sugere a realização de apresentações de fechamento de semestre e ao final do ano. Contudo, o regente relata um caso específico ocorrido no ano anterior ao da entrevista, em que teve parte do seu repertório decidido pela organização de uma apresentação especial, na qual o coro iria se apresentar com outros coros em comemoração ao aniversário dos corais de sua escola. Nessa situação, Kauã se viu com três músicas de seu repertório decididas por outra pessoa e com um prazo delimitado para prepará-las. No entanto, com exceção dessa situação específica, o regente explica que o coro não costuma ter prazo para o repertório ficar pronto.

Por outro lado, ele explica que deve passar a estabelecer prazos junto do grupo, reconhecendo a importância destes tanto para os coralistas quanto para ele e seu colega.

Essas crianças fazem milhões de atividades, então eu sinto que essa coisa dos prazos, ela ajuda muito a gente. A gente sentiu isso bem claramente na semana passada, quando eu falei para eles “olha, galera, a gente tem três ensaios para a nossa apresentação, é uma apresentação só nossa, não vai ter ninguém dividindo com a gente, é só a gente, só o nosso coro com as nossas famílias que vão assistir, então a gente tem que ‘dar o gás’ nesses três ensaios porque vai ter apresentação” e eu senti que a galera estava meio “bora’, ‘bora’, é isso aí”. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

João também não tem prazos delimitados institucionalmente, mas ele mesmo estipula um prazo para preparar os arranjos — e os faz, ensaia e os organiza pensando em marcar as apresentações de seu coro no segundo semestre.

Por isso, nessa medida é que eu planejo sempre pegar, no primeiro semestre do ano, os arranjos mais elaborados. Então, do início do ano até o final do primeiro semestre, isso é, junho, até as férias, eu vou tentar fazer ali os arranjos mais elaborados, tentar terminar ali os quatro primeiros arranjos, quatro arranjos mais difíceis. E aí, no segundo semestre, eu tenho para fazer coisas mais simples, e eu já consigo fazer, a partir do segundo semestre, as minhas apresentações. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

A estratégia de João também é defendida por Costa. A autora explica que para além da concentração e da motivação que Kauã destacou em sua fala, a meta da apresentação auxilia em outros aspectos da organização da atividade coral:

Embora nem toda atividade coral tenha como meta principal a apresentação, esta pode auxiliar na delimitação de planejamentos, prazos e seleção das músicas que serão executadas. O somatório destes aspectos poderá determinar adequações, pertinências e justificativas para a escolha do material considerado primordial da atividade coral. (Costa, 2017, p. 58-59).

Por fim, Fernando explica que os prazos não influenciam nos critérios da escolha do repertório, mas que as apresentações influenciam no momento de escolher músicas novas, como demonstro a seguir.

3.10 Momento da escolha e da renovação do repertório

Fernando entende que o repertório de seu coro está em constante renovação. De acordo com ele não há um marco temporal específico para que essa renovação ocorra. O que define isso é a quantidade de vezes que uma música é apresentada:

Se a gente já apresentou uma vez, legal; se já apresentou duas vezes, está bom; apresentar uma terceira? Aí já começa a ficar meio repetitivo, então “cai”. E como está sempre em construção e como o nosso repertório, geralmente, no máximo, faz umas quatro, cinco músicas por apresentação, não passa muito disso, vai meio que se renovando automaticamente. Vai ter uma nova apresentação, vai ter uma nova demanda e vai se renovando. Não tem muito uma necessidade de “acho que essa música já deu”, por ela já ter sido suficiente. Geralmente, “ah, a gente já apresentou duas vezes, vamos apresentar essas outras que a gente ainda não apresentou”. É mais dar espaço para as novas que estão surgindo do que ficar repetindo as antigas. (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

A exceção seria no início do ano, em que Fernando afirma sempre começar os ensaios com uma música que seja mais fácil, para introduzir e apresentar os coralistas novos ao funcionamento do coro. Contudo, ele explica que essas músicas não costumam se manter no repertório, sendo retiradas após cumprir essa função determinada.

Kauã explica que, como o trabalho com o coro ainda é novo, ainda está experimentando formas de conduzir a seleção, mas que prefere escolher o repertório no início do ano, pensando no processo dos coralistas ao entrar em contato com as músicas selecionadas — até mesmo fora do ensaio.

Então, eu acho bom fazer no início porque eles já vão entrando em contato com o repertório, não só no ensaio, mas principalmente fora dele e trazendo coisas para dentro do ensaio, trazendo ideias, trazendo coisas a partir desse contato com ele e a gente vai vivendo esse processo juntos. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Já em relação à renovação do repertório, Kauã explica que, assim como Fernando, essa decisão não está condicionada a um momento específico no tempo. Para ele, a renovação acontece de acordo com a situação que o coro se encontra. Ele relata como foi o último momento de renovação de seu coro:

Esse ano, especialmente, fez muito sentido para a gente na hora pensar em renovar o repertório porque o coro mudou muito. O coro, no ano anterior, tinha uma galera, virou o ano, o coro diminui um pouquinho: acho que eram quinze e passou para dez; no ano anterior, era um coro que tinha cinco meninos, esse ano tem um só; a faixa etária baixou também, a galera mais velha do ano anterior saiu, ficou só uma galera mais nova; e muitas pessoas novas entraram. Então, para nós, fez sentido naquele momento que essas pessoas novas também pudessem, de alguma forma, se relacionar, se sentir donas da parada e poder sugerir músicas, se integrar nesse processo que estava funcionando. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

João, por outro lado, respondeu que modifica o repertório de um ano para um outro, começando o processo de seleção das músicas que comporão o repertório do ano seguinte no final do ano letivo anterior, de modo a ter as férias para escutar as músicas sugeridas pelos coralistas e preparar os arranjos para o ano seguinte. Nesse momento de renovação, o regente explica que, visando cumprir um objetivo do coro de fazer uma apresentação durando entre 50 minutos e uma hora, procura manter algumas obras que o coro já fez, incluindo novas ao repertório.

3.11 Especificidades de um coro juvenil

Considerando que os três regentes já tiveram experiências regendo coros infantis, coros adultos ou mesmo, com os dois, perguntei a eles se faziam alguma diferenciação entre a seleção do repertório desses coros e seus coros juvenis.

Para Fernando, uma diferença entre os coros juvenil e coros de adultos está na recepção do repertório proposto:

No [coro] juvenil, a gente tem um espaço, assim, de diálogo, de eles acharem [simulando conversa com os coralistas] “ah, essa música aqui é muito chata!”, “vamos tentar de novo! Escuta aqui mais uma vez, olha! Escuta aqui essa outra versão, do nesse outro conjunto.

Vamos ver, aqui, como ficaria se a gente fizesse nesse ritmo, aqui um pouquinho mais acelerado, dependendo”. A gente consegue trabalhar com um pouquinho. E já no adulto, não. Se tentar colocar algum gênero específicos, pode ser que não “comprem [a ideia]” de forma nenhuma... (Fernando, entrevista concedida em 23/07/2024).

Para Kauã, no entanto, a situação é oposta: o regente entende que, no coro de adultos, há uma espécie de aura que inspira uma confiança por parte dos coralistas, que aceitam com mais facilidade as músicas propostas. Já no coro juvenil, ele enxerga uma resistência inicial.

E no coro infantil²⁰, pelo menos, até agora, a gente trabalha muito essa relação deles com as músicas que a gente sugere ou que eles propõem, se eles topam, se eles curtem, vamos experimentar...porque eles são mais difíceis de aceitar de cara. (Kauã, entrevista concedida em 19/07/2024).

Fernando, de sua parte, ressalta que essas características dependem do perfil e da experiência de cada um, entendendo que apresentou em sua fala uma diferenciação entre os coros mais generalista. No entanto, entendo que é possível perceber um consenso entre os dois regentes quanto a uma característica do coro juvenil: a possibilidade, por meio do diálogo, de conseguir que os coralistas aceitem e acolham a música proposta pelo regente.

Em relação a esse assunto, João também chama a atenção para um fato curioso: a de que o coro juvenil costuma ter resistência a músicas identificadas por ele como voltadas para o público infantil.

O infantil topa fazer músicas de idades mais adultas, vamos dizer. O coro de crianças da professora do 1º segmento aqui da escola, eles cantam “Amarelo, azul e branco” da Ana Vitória, que é uma música pesada, uma música densa, uma música que tem toda uma temática nacionalista, de liberdade, identificação com a cultura nacional — uma música muito bacana, mas que tem até uma linguagem, uma poética mais sexto ano em diante. Mas o meu coro, se eu trouxer coisa folclóricas para o coro, ele não olha com bons olhos. Então, os pequenos fazem músicas dos grandes, mas os grandes não fazem músicas dos pequenos. (João, entrevista concedida em 17/07/2024).

Por fim, Fernando identifica ainda que o coro juvenil teria mais facilidade com outras línguas, principalmente o inglês. De acordo com o regente, é comum que os coralistas do colégio em que ele trabalha consumam a cultura estadunidense — o que pode explicar a adoção de línguas estrangeira no repertório, por parte do regente.

²⁰ Kauã chamou o seu coro de infantil, mas, posteriormente, quando questionado em relação a essa nomenclatura, explicou que não há motivo específico para tratar o coro por essa terminologia, confirmando que seu coro é, sim, um coro juvenil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O repertório é um elemento crucial na atividade coral. Pode ser considerado o seu núcleo: por ele, os coralistas vivenciam e aprendem sobre música e o coro demonstra seu estilo, sua forma de interpretação e o que é capaz de construir; apoiando-se nele, os regentes planejam e organizam seus objetivos e metas com o coro.

Da mesma forma, a seleção do repertório é de extrema importância, por influenciar diretamente na prática pedagógica musical e cultural, na definição dos conteúdos e procedimentos na educação musical e na própria atividade coral. Quando bem escolhido, o repertório pode auxiliar na motivação, no interesse e mesmo no desenvolvimento do aprendizado musical do coralista iniciante. Além disso, pode servir de veículo para apresentar ao grupo outras culturas, tanto do Brasil quanto de outros países.

O coro juvenil tem suas especificidades, dentre elas, as principais são a mudança vocal ocorrida durante a adolescência e as particularidades do gosto e da maturidade dessa faixa etária. Dessa forma, para atender essas demandas, além de buscar atentamente o repertório adequado, é muito comum e até mesmo necessário que o regente adapte obras e crie seus próprios arranjos — método adotado pelos três entrevistados.

Outro elemento central na seleção foi o texto e a temática das canções. É interessante notar a unidade entre os regentes na rejeição de certos temas e na adoção de músicas de língua estrangeira — ainda mais considerando que esse segundo ponto também pode ser um fator de dificuldade para o coro. Mas, como defendido no Capítulo 3, quando os coralistas estão envolvidos com produtos midiáticos de outras culturas (como a estadunidense e a japonesa), parece natural que eles peçam aos regentes para cantar canções dessas culturas.

Outro critério central identificado nas entrevistas foi a participação dos coralistas, tanto na seleção do repertório quanto em outros aspectos da atividade coral. Ainda que esse seja um assunto com divergências entre os autores, como vimos no Capítulo 2, Kauã, Fernando e João têm em alta consideração a participação do grupo tanto nas sugestões de músicas quanto em outros momentos. Essa relevância da participação do grupo pode existir por conta dos contextos dos coros selecionados: coros escolares, realizados como atividades extraclasse, ou seja, cuja participação dos coralistas não é obrigatória. Cabe a futuras pesquisas delimitar até que ponto e como esse fator influencia na atividade coral. Contudo, é importante reforçar que a abertura às sugestões dos coralistas não retira do

regente a responsabilidade de avaliar as músicas sugeridas e escolher quais são adequadas a seu grupo.

Por fim, chamo a atenção para um objetivo presente nas respostas dos três regentes quando eles abordam a participação dos coralistas: o vínculo. Como apresentado na Introdução, há dificuldades de manutenção da atividade coral na faixa etária da adolescência. E o que pôde ser destacado nessa pesquisa foi que os regentes estão buscando estabelecer um vínculo entre coralistas e o coro para desenvolver a atividade coral — não apenas como meio para a manutenção desses coralistas, mas também como um dos objetivos do coro.

Esse trabalho ainda pode se desdobrar em pesquisas sobre a relação entre o coro e o espaço escolar e seus administradores, tópico que pouco abordei no texto; sobre o equilíbrio entre atender os desejos e interesses dos coralistas e proporcionar a eles experiências diferentes, apresentando músicas que eles não conhecem; e pode ainda se desdobrar em pesquisas que façam um levantamento dos repertórios cantados nos coros juvenis do Rio de Janeiro — ou de outras cidades — analisando as obras que esses coros tem apresentado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Matheus Cruz Paes de. Escolhendo o Repertório: uma tarefa de regentes? **Revista Música Hodie**. Goiânia — V.16, n;2, 2016, p. 25-34.

CORREIA, Valéria da Conceição. **Coral da Escola de Música da Rocinha**: um relato do processo de afinação desenvolvido a partir do seu próprio repertório em 25 anos de atividades. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Música) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Música, Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023, p. 47-51.

COSTA, Patricia Soares Santos. **Coro Juvenil**: por uma abordagem diferenciada. 2009. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

COSTA, Patrícia Soares Santos. **Características do repertório para coro juvenil**: verificação de especificidades. 2017. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

FERREIRA, Marina Baird Daflon. **Competências do regente coral na escola** — relatos de dois regentes de coros de Ensino Médio. 2011. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística — Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

FIGUEIREDO, Carlos Alberto. Reflexões sobre aspectos da prática coral. *In*: LAKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). **Ensaio**: olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006, p. 6-49.

LAKSCHEVITZ, Elza. Entrevista. *In*: LAKSCHEVITZ, Eduardo (Org.). **Ensaio**: olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2006, p. 50-90.

LIMA, Juliana Maria Chrispim Campelo. **O ensino de música no Colégio Pedro II**: a criação do ensino secundário em 1837 e a criação do 1º segmento do 1º grau em 1984. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016, p. 1-61.

MIGUEL, Fábio; PEDROZO, Willian Gomes; TINEO, Emerson Pereira; PANELLI, Felipe Pillis; PEREZ, Felipe Rodrigues Ferreira; SANTOS, André dos; JACINTO, Maicon Pereira; AMARAL, Regina Célia Corso Marcondes do. Questões acerca do repertório no contexto coral adulto e juvenil. **Revista Vórtex**. Curitiba, v.8, n.2, p. 1-27, 2020.

OLIVEIRA, Carolina; IGAYARA-SOUZA, Carolina. O conceito de arranjo coral no repertório brasileiro. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. 27., 2017, Campinas. **Anais eletrônicos...** Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2017/4771/public/4771-16401-1-PB.pdf. Acesso em 18 mar. 2024.

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista

- Há quanto tempo você está à frente do coro?
- Qual a faixa etária dos coralistas do coral?
 - Eles estudam em que séries do Colégio?
- Qual a quantidade total de coralistas do coro?
- Qual a frequência e o tempo de ensaio do coro?

- Como é realizada a escolha de repertório do coro?
- Quais critérios são aplicados na seleção do repertório?
- Os coralistas participam de alguma forma dessa escolha?
- Os coralistas pedem para cantar obras específicas? Esses pedidos são recorrentes?

- Você tem ou já teve experiência regendo coros de adultos ou infantis? Se sim, existe alguma diferenciação que você faz quando vai escolher o repertório de um coro infantojuvenil para um coro adulto ou coro infantil?
- Quais características o levam a rejeitar uma obra para o coro? Há algum elemento específico que você fica atento para avaliar se a obra é adequada para o coro juvenil?

- Você sente que o seu gosto musical afeta a escolha de repertório? De que forma?
- O repertório do coro é variado, pensando em períodos, estilos e gêneros diferentes? Ou é direcionado para algo em específico?
 - Como é essa variação no repertório?
- A atração e a retenção²¹ dos coralistas no coro é uma preocupação no momento da seleção do repertório? Ou essa preocupação é tratada em outras circunstâncias?

- O coro canta músicas em línguas diferentes do português? Quais línguas?
 - Cantar em outras línguas foi algo que veio junto do repertório escolhido ou foi um elemento escolhido propositalmente para o coro? E com que intenção ou objetivo?
 - Há algum cuidado a mais que se tem quando há uma música de outra língua no repertório?
- O tema e o texto das canções do coro é uma preocupação na seleção das peças?
 - Se sim, que tipos de temas você procura e quais evita?
- Há algum outro elemento que poderia ser considerado “extra-musical” que influencia a seleção do repertório?

²¹ Posteriormente, adotei o termo “manutenção” no lugar de “retenção”, entendendo que o primeiro é mais adequado.

- Onde você busca o repertório para o coro (contatos, internet...)?
- Você faz arranjos específicos ou adaptações dos arranjos para o seu coro?
 - Se sim, de que forma? Qual ou quais elementos geralmente você precisa modificar?
- Quando você seleciona o repertório do coro — seja por peças já existentes ou por arranjos feitos especificamente para o coro — há a preocupação do repertório se encaixar na configuração do coro ou você adapta a obra para a configuração do grupo?

- Em que momento o repertório é escolhido?
- Em que momento o repertório é renovado/modificado? Em que momento é decidido que uma obra não será mais realizada?
- Quando a seleção do repertório é feita, há um prazo específico para que ele fique pronto para apresentar?
 - O que ou quem determina esse prazo?
- O coro apresenta o repertório para algum público? Se sim, quando e para quem?
 - A existência ou o prazo dessas apresentações influenciam a escolha do repertório? Como?